

Mistérios da Páscoa em Idanha

2019



São Miguel de Acha e as suas tradições religiosas no nosso tempo

Por António Silveira Catana





‘As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas.’

Papa Francisco,
Exortação Apostólica Evangelii Gaudium



Introdução

Em tempos não muito recuados, a taberna de meus pais que ficava, ali perto do Passeio ou Jardim, bem próxima da entrada da Vila de Idanha-a-Nova, era ponto de paragem, para muitas das pessoas das aldeias da zona norte do Concelho, como as de S. Miguel de Acha.

A gente do povo vinha muitas vezes, à sede do Concelho a tratar de assuntos nas diversas repartições ou ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova, para visitar doentes ou acompanhando outros para consulta ou internamento. Os animais que os transportavam, quer fosse o burro, quer o muar ou o cavalo, eram deixados pelos seus donos no touril que tínhamos arrendado, mesmo em frente do antigo **Dispensário de Assistência aos Tuberculosos**, hoje, após remodelação, denomina-se **Espaço Sénior**.

A minha saudosa Mãe, na sua natural hospitalidade beirã, em tempo invernos, tinha sempre o lume aceso e, na taberna, um estrado de madeira com a braseira avivada, para que quem chegasse vindo das aldeias molhado ou com frio, pudesse restabelecer-se. Daí que, desde os meus tempos de infância, começasse a conviver com a ordeira e amável gente de S. Miguel de Acha, tão fecunda em música tradicional e em puras e genuínas tradições religiosas.

Ainda hoje conservo, de um modo especial, um amigo de sempre e assim desejo que o seja, até ao fim desta nossa passagem terrena. Esse amigo é o Joaquim Figueiredo Pires Lopes, mais conhecido, pelo Joa-

quim “Pirolito”, de 74 anos de idade, e, curiosamente os nossos saudosos pais eram também amigos do peito. Quando vem de Peniche e nos reencontramos, é uma festa, um feliz reencontro, inundado de alegria, de paz interior, que nos enche o peito e a alma.

Após muitos anos de pesquisa e de vastas recolhas, na qualidade de aprendiz de etnógrafo, S. Miguel de Acha continua para mim a ser uma das comunidades que é ponto de paragem obrigatório, no meu trabalho de campo, com o objectivo de dar continuidade à divulgação das tradições quaresmais e pascais do nosso Concelho, que para muitos dos naturais são a única, mas benquista e valiosa herança legada por seus avós e seus pais.

Neste mundo global, avassalado pela laicização, pela competição desmesurada, pela falta de atenção ao próximo, pelo gritante individualismo, em cada ano que passa, aumenta o número de visitantes a estas terras arraianas do Concelho de Idanha-a-Nova, porque os enche de paz e tranquilidade, revigora-lhes a saúde, de um modo muito especial sempre que participam, nas práticas e expressões da piedade popular quaresmais e pascais.

É inquestionável que a gente do Concelho de Idanha-a-Nova, de vontade inabalável, soube preservar um apreciável conjunto de tradições, que constituem hoje uma reserva de autenticidade a merecer um estudo aprofundado no domínio dos especialistas das ciências sociais.

Em diversos dos textos que venho escrevendo, incluindo os das Agendas dos Mistérios da Páscoa anteriores, fundamento o apreciável e diverso conjunto de manifestações da piedade popular do Concelho de Idanha-a-Nova, referindo que é, graças ao empenhamento e esmero de uma mão cheia de guardiões e guardiãs, nas dezassete paróquias, que a todo o custo as procuram preservar, à acção evangelizadora dos Templários e acção pastoral dos frades dos antigos Conventos Franciscanos de

Nossa Senhora da Consolação, em Monfortinho, e do de Santo António, em Idanha-a-Nova.

E mais acrescento que tão considerável e diverso conjunto de práticas e expressões da piedade popular, se deve também, às nove Irmandades das Santas Casas da Misericórdia, número singular em todo o País, e à acção dos Párocos, nomeadamente, os dos tempos actuais que, serenamente, sabem respeitar, valorizar e sublimar à luz do Concílio Vaticano II a religiosidade da maioria dos seus paroquianos.

Quando o sentimento religioso da comunidade achava por bem entoar preces e cânticos espirituais extra-muros dos templos, surgiram as procissões.

O padre Luís Sousa Couto⁰¹ refere na obra intitulada: **A origem das Procissões na cidade do Porto**: «O uso e prática de certas preces, a que chamamos procissões, é muito antigo na Igreja Católica. O fervor de uma bem entendida devoção, o espírito de penitência, com todos aqueles sinais externos que inculcavam a interna compunção, a fim de fazer propícia a divindade nas calamidades e urgências públicas, deprecando a Misericórdia do céu por intercessão da Mãe de Deus, dos Apóstolos e mais Santos tal era uma Litania, Ladairo, Ladainha ou Procissão.»

A partir da criação da Misericórdia de Lisboa, em 1498, pela Rainha D. Leonor, e da expansão das demais Misericórdias pelo País, passou a caber estatutariamente às respectivas Irmandades das Santas Casas da Misericórdia a organização das procissões durante a Quaresma com especial incidência, na Semana Santa e no Domingo da Ressurreição.

No Concelho de Idanha-a-Nova, formado por um aglomerado de 17 Paróquias, como atrás refiro, onde foram extintas as Santas Casas da Misericórdia de Idanha-a-Velha e Penha Garcia, mas, felizmente encontram-se em funcionamento ainda nove que cumprindo os seus Estatutos, como atrás saliento, organizam, com muito esforço, generosidade e

dedicação, as Procissões dos Passos ou do Encontro, do Enterro do Senhor e a da Ressurreição, no Domingo de Páscoa.

Neste contexto, há que destacar, enaltecer e valorizar o bairrismo, a afeição e a devoção das gentes de S. Miguel de Acha e dos seus sucessivos Párocos que, ao longo de séculos e séculos até aos dias de hoje, continuam a por de pé as mesmas procissões sem que tivesse sido fundada uma Irmandade da Santa Casa da Misericórdia na Paróquia.

O brioso povo cristão de São Miguel de Acha, na fidelidade à fé simples, como herança sagrada, adquirira, em tempos passados, em conformidade com a liturgia e com as possibilidades materiais dos fiéis, semelhantes imagens e alfaias religiosas às das Misericórdias do Concelho.

Imagens e alfaias religiosas adquiridas não por luxo ou ostentação, mas sim para que tais procissões e cerimónias pudessem decorrer com idêntico empenho e dignidade como nas paróquias dotadas das citadas Irmandades.

É possível, como António Milheiro, no mensário **Cultur Ache** de que é dedicado Director, opina na página 1 do nº 56, de Fevereiro de 2010, que tenha havido possível contributo da extinta Confraria do Santíssimo Sacramento de S. Miguel de Acha, ao escrever: «*No nosso caso desconhecemos se em S. Miguel houve Misericórdia, mas julgamos que a Confraria do Santíssimo realizava nos anos 50 do século passado as Induências, nas quais se fazia na Quinta-Feira Santa uma representação na Igreja da Crucificação de Cristo na Cruz e na Sexta-Feira Santa a descida do Cristo da Cruz e a que se seguia o Enterro do Senhor em Procissão. Esta tradição perdeu-se.*»

Tal como refere António Milheiro, quanto à descida de Cristo da cruz a que se seguia a Procissão do Enterro do Senhor, aproveitou a oportunidade, para anotar que a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Monsanto, graças à evangelização franciscana em tempos passados, ainda hoje, na Igreja Matriz, numa comovente cerimónia onde reina um si-

lêncio de oiro, apenas quebrado pelo som dos martelos de ambos os Irmãos, quando despregam os cravos das mãos da imagem articulada de Cristo, realiza o descimento da mesma com mil carinhos, e a coloca no esquife, para de seguida ocorrer a citada procissão.

Para memória futura, passo a descrever, na actualidade, as práticas e expressões da piedade popular, embora sucintamente, constituídas por encantadores cantos penitenciais, ao ar livre, como o da Encomendação das Almas e o dos Martírios cantados pelas mulheres, o do das Laidainhas e do Terço cantado nas ruas, ambos pelos homens, bem como, na Semana Santa as celebrações religiosas que incluem as catequéticas procissões.

É da mais elementar justiça salientar que, actualmente, o povo cren-te de S. Miguel de Acha conjuntamente com o Pároco, esforçam-se a todo o custo, por manter as suas tradições religiosas quaresmais e pas-cais, sem dúvida, sem o brilho de outros tempos, mas há que ter em conta a partida de muitos naturais em busca do pão de cada dia para Lisboa e para o estrangeiro, mormente para França, a partir do início da década de sessenta do século passado, bem como a crescente onda de laicização que atrás refiro.



A Encomendação das Almas

A morte como o mais desconhecido momento da vida humana e o *post-mortem*, têm gerado, desde a presença do ser humano na Terra, superstições, crenças, ritos, rituais e devoções que sempre mereceram forte motivo para reflexão e estudos, em especial no domínio sociológico e antropológico.

Mircea Eliade⁰², qualificado investigador das religiões primitivas, salienta a relação entre o culto dos mortos e a fertilidade dos campos.

Conhecem-se práticas dos povos primitivos tendo em vista sossegar os mortos e evitar que estes viessem perturbar os vivos. Com o Cristianismo, em grande parte, os vivos deixaram de temer os mortos.

O Conde de Sabugosa⁰³, salienta que a rainha D^a Leonor (1458- 1525), esposa de D. João II, acarinhara as mercieiras que eram instituições que se destinavam a rezar pelas almas dos defuntos.

Mas foi a partir do Concílio de Trento (1545-1563) que a Igreja Católica passou a pregar que o Purgatório existe e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar, uma vez que fora prescrito aos Bispos, na sessão do citado Concílio, datada de 3 e 4 de Dezembro de 1563, «*que se empenhassem diligentemente para que a sã doutrina sobre o Purgatório, transmitida pelos Santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda a parte.*»

São Miguel de Acha.
Preparação para
a Encomendação das almas



Este curioso costume da Encomendação das Almas, bem português, constituído por canto e rezas, pelos familiares, amigos, benfeitores, “pe-las almas que estão nas penas do Purgatório, que Nosso Senhor as tome à sua divina conta” e ainda o de exortar os vivos o cumprimento dos ideais cristãos para se livrarem das penas infernais, deverá ter surgido posteriormente ao Concílio de Trento, na Alta Idade Média, tendo como base o canto litúrgico tradicional da Igreja Católica, sem grandes varia-ções, que se denominara cantochão ou canto gregoriano que o povo ou-via entoar nos Conventos e que o adaptou com sabor e melodia à sua maneira.

O genuíno costume da Ementa ou Encomendação das Almas foi es-palhado pelo povo do mundo rural por todo o País, sem a necessidade da participação do clero. A atestar a vitalidade e a força interior do canto da Encomendação das Almas sabemos que foi depois difundido, nos Açores e na Madeira, tendo os Jesuítas contribuído pela sua difusão, no Brasil.

Muitas das Igrejas possuem o seu altar das Almas. Ainda hoje a de-voção às Almas do Purgatório ocupa um lugar muito especial na piedade do nosso povo.

No ano litúrgico, o dia das Almas é celebrado, a 2 de Novembro, com grande afluência de fiéis. Por vezes, a Missa dos Fiéis Defuntos e a roma-gem aos cemitérios é antecipada para o dia anterior, dia de Todos os San-tos, para que muitos dos ausentes que se deslocam ao torrão natal, pos-sam participar na Missa em sufrágio dos familiares e na romagem ao cemitério. Em dia da romagem, os bem arruados cemitérios, parecem floridos como jardins, a atestar as profundas raízes do arreigado culto às almas dos antepassados.

São Miguel de Acha.
Pequeno Sino na Torre da Igreja



Dentre os sufrágios pelas almas do Purgatório, ao ar livre, na verdade o mais característico é o cantar às Almas, ou seja, a Encomendação das Almas. Porém a hierarquia da Igreja, em tempos não muito distantes, foi tentando combater esta e outras práticas e expressões da religiosidade popular.

Só a partir do Concílio Vaticano II (1961-1962) a religiosidade popular passou a merecer ser valorizada tendo em conta a sua vitalidade nas diferentes manifestações e vivências da fé do povo cristão.

Em Portugal, a religiosidade e a piedade populares passaram a ser tema de reflexão, nos anos de 1977 e de 1986. Neste último, surgiu a Carta Pastoral dos Bispos relativamente à mesma temática.

Felizmente, como atrás referi, o concelho de Idanha-a-Nova possui,

ainda actualmente, não se sabendo por quanto mais tempo, um considerável número de tradições religiosas. Algumas têm sido preservadas sem ter havido interrupção e por força do querer de uma mão cheia de pessoas de boa vontade que, a partir dos anos 80 do século passado, regressaram à terra natal, conseguiram que outras fossem reactivadas.

De entre estas práticas e expressões da piedade popular, o canto da Encomendação das Almas, por vezes, precedido do toque da campainha ou da matraca, pode ouvir-se, nas dezasseis das dezassete Paróquias, em tempo de Quaresma, mas a única em que se sobe à torre do relógio é apenas na de São Miguel de Acha.

O costume dos encomendadores preferirem cantar num lugar alto é para poderem ser ouvidos a uma maior distância, de modo que a cantoria pudesse acordar os que dormiam para que rezassem cooperando na salvação das almas dos seus familiares. Daí que é compreensível, que em São Miguel de Acha tenha sido eleita a torre da Igreja, para cantar a Encomendação das Almas, dado que a antiga Vila de São Miguel de Acha goza de uma geomorfologia não acidentada.

Jaime Lopes Dias⁰⁴ ao referir-se ao canto da Encomendação das Almas, na Beira Baixa, anota que se cantavam em sítios elevados e exemplifica indicando alguns locais, como a seguir se transcreve:

«Em grande número de povoações da Beira Baixa, homens e mulheres percorrem, alta noite, durante a Quaresma, os pontos altos: a torre ou campanário da igreja, balcões ou varandas de casas mais altas, para ali pedirem pelas almas, rezando umas vezes e cantando outras. (...)»

A propósito do canto da Encomendação das Almas, denominado noutras regiões do País, Ementa das Almas, como atrás anoto, Fernando Lopes Graça⁰⁵ escrevera:

«Vêm depois, pela Quaresma, aquelas impressionantes, às vezes terríficas mesmo, Encomendações das almas, ou Amentar das almas, cantos nocturnos

entoados nas encruzilhadas, em frente dos edículos das alminhas, evidente reminiscência do ancestral culto dos mortos, e que constituem um dos aspectos porventura mais curiosos do nosso folclore religioso.»

Felizmente, Lopes Graça, realizara o seu trabalho de campo, também em São Miguel de Acha, quase ainda na pureza dos cantares do povo, precisamente no ano de 1953. Na década seguinte, iniciou-se, como atrás refiro, a debandada das famílias na busca de estabilidade económica capaz de garantir a sobrevivência digna para os seus, não só para Lisboa, mas também para o estrangeiro.

Em S. Miguel, nas noites das Sextas-Feiras da Quaresma, por vezes geladas, sempre que um grupo de mulheres, trajadas de luto e com o xaile sobre a cabeça, sobe à torre da Igreja Matriz, é encantador e, ao mesmo tempo, fascinante, ouvir as suas melodiosas vozes cantando a Encomendação das Almas.

Para os cristãos, este canto, parece a todos os que o ouvem, apelar à reflexão sobre a sua finitude terrena e mormente evocar os que já partiram, com especial relevância para a salvação das almas do Purgatório, “lugar de purificação para as almas que, não merecendo o Inferno, não podem entrar no Céu, sem expiarem culpas”. Daí ser considerado este canto propiciatório para que as almas mais depressa possam entrar no Céu.

Em tempos anteriores à vinda da rádio e televisão, no silêncio da noite, apenas quebrado pelo latir dos cães, as pessoas, no interior das modestas habitações, sentadas ao redor do lume ou na cama, no quentinho das mantas, ao ouvirem tal prática, as suas rezas misturavam-se com as dos encomendadores e uma profunda nostalgia a todos envolvia, marcada pela ausência dos seus entes queridos, bailando na mente em catadupa, recordações de vidas sofridas em verdadeira comunhão e de sentires na intimidade da vida quotidiana, quer em momentos de sã alegria, quer de pesada amargura.

José Ramos Alexandre, são miguelense de gema, num artigo intitulado, **Dia Mundial da Música de 2016 – A Música popular tradicional cantada em S. Miguel de Acha**, publicado no Mensário Cultur Ache de Maio de 2016, para além de evidenciar a riqueza da música popular cantada em São Miguel, faz referência a um artigo de Lopes Graça, publicado no Jornal do Fundão, datado de 29 de Novembro de 1953 em que alude ao seu trabalho de campo realizado em São Miguel de Acha, Donas e Paul.

Do citado artigo do Jornal do Fundão, relativamente a São Miguel de Acha anotara o musicólogo, na 1ª página, o seguinte:

“(...) São Miguel de Acha não desmentiu as informações, algumas até já documentadas, que me haviam sido comunicadas. É na verdade um jazigo folclórico, de grande interesse, que merecia ser explorado mais funda e metodicamente.

Fértil em música popular religiosa, bastariam duas preciosidades ali recolhidas: a impressionante Encomendação das almas e os verdadeiramente surpreendentes Martírios ambas entoadas monodicamente só por mulheres (e isto sem esquecer outras canções valiosas: o Bendito chamado «das trovoadas», entoado antifonicamente por homens e mulheres, e a Senhora Santa Cat’rina, com acompanhamento de adufes), bastariam aquelas duas preciosidades, digo, para justificarem plenamente a não muito cómoda viagem e me fazerem esquecer o calor abrasador das jornadas em S. Miguel. (...)”

Não só os naturais de São Miguel de Acha, mas também os demais naturais do Concelho de Idanha-a-Nova devem sentir-se orgulhosos, porque o distinto musicólogo Lopes Graça considerou a antiga Vila e actual aldeia “um jazigo folclórico” onde brilham, especialmente, duas preciosidade que aí recolhera: **a impressionante Encomendação das almas e os verdadeiramente surpreendentes Martírios ambas entoa-**

das monodicamente só por mulheres (...).”

Lopes-Graça, na obra literária da sua autoria, denominada ***A Canção Popular Portuguesa***⁰⁵, apresenta de São Miguel de Acha os cantos religiosos da Encomendação das Almas, Bendito e Martírios com a transcrição musical aliada a preciosas anotações em que volta a tecer considerações de muito agrado, relativamente aos mesmos cantos religiosos.

Se o leitor desejar compulsar a dita obra literária, poderá encontrar a páginas 142-144, referências à Encomendação das Almas de São Miguel. Lopes Graça, após trabalho de prospecção realizado, como atrás refiro em 1953, registara, para além da transcrição musical e de anotações que achara por bem, as quatro sextilhas, estrofes com seis versos, que recolhera em São Miguel.

Abaixo transcrevo da página 144 da citada obra, a terceira estrofe cuja súplica evoca os aventureiros portugueses no mar alto, súplica essa enraizada, desde o tempo das gloriosas descobertas em que os Portugueses deram Novos Mundos ao Mundo.

«(...) Mais vos peço, meus irmãos,
Outro padre-nosso e uma ave-maria
Pr’ aqueles que andam
Sobre as águas do mar.
Que Nosso Senhor os chegue
A porto de salvação.
E seja pelo amor de Deus. (...)»

Michel Giacometti⁰⁶, no livro ***Cancioneiro Popular Português***, a páginas 67-68, divulga também com o n.º 40, a transcrição musical da Bendita e Louvada seja (Encomendação das Almas de S. Miguel de

Acha) da autoria de Lopes Graça e, mais à frente, em notas e comentários às canções, no mesmo livro, a páginas 307, regista também da autoria de Lopes Graça um comentário referente à citada Encomendação das Almas.

José Ramos Alexandre, no atrás citado artigo intitulado, refere-se também quanto à divulgação das recolhas de Lopes Graça, em S. Miguel de Acha:

“Estamos conscientes de que o trabalho deste musicólogo produziu frutos duradouros porque essas preciosidades foram sendo compartilhadas e usufruídas ao longo dos tempos por muitos outros autores, as quais permanecem como testemunhos de valor no panorama da música popular portuguesa.”

De seguida, Ramos Alexandre dá exemplos como o Bendito das Trovoadas que fora das melodias recolhidas por Lopes Graça, em São Miguel, a mais trabalhada por eruditos e musicólogos.

Quanto à divulgação da **“impressionante Encomendação das Almas”** anota no mesmo artigo:

“A Encomendação das Almas de S. Miguel de Acha, é outra obra iconográfica cuja divulgação nacional terá tido início com a respectiva inclusão no programa do Coro da Academia dos Amadores de Música, dirigido pelo próprio Lopes Graça, e que mais tarde, surge integrada nas Onze Encomendações das Almas – Doze Cantos de Romaria, gravadas pelo Coro de Letras da Universidade do Porto -1971- dirigido por Borges Coelho.

Na continuação do mesmo artigo da autoria de Ramos Alexandre que fora publicado, no número seguinte do **CulturAche**, informa no primeiro parágrafo:

(...) Mais recentemente surgiu uma nova publicação e versão desta mesma peça em as Onze Encomendações das Almas, cantada pelo Coro de Câmara Lisboa Cantat, com direcção de Jorge Carvalho Alves, publicado em 05/03/2012. (...)”

Com muito agrado, registo que o Coro de Câmara Lisboa Cantat, no dia 8 de Abril de 2018, realizou um concerto, no Forum Cultural de Idanha-a-Nova, integrado no programa do IV Curso Livre sobre Religiosidade Popular, organizado pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Acresce mencionar que também o Coro de Letras da Universidade de Coimbra, numa edição da Portugalsom, em 1991, lançou um CD com onze Encomendações de Almas harmonizadas por Lopes-Graça. De entre estas, para mim, uma das mais encantadoras fora a recolhida, pelo citado compositor e musicólogo, em S. Miguel de Acha.

A respeito de Lopes Graça, aquando das comemorações do Centenário do seu nascimento, Teresa Cascudo, Professora da Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Faculdade Ciências Humanas, na Universidade de La Rioja, em Espanha, num belíssimo artigo, intitulado **Música e Identidade na obra de Fernando Lopes Graça**: uma abordagem entre a História e a Crítica, afirmou:

“A sua perseverança artística assegurou-lhe um lugar único na história da música portuguesa e, se os devidos canais de difusão alguma vez tivessem existido — ou existissem nos dias de hoje —, teria feito dele uma figura de relevo no panorama da música europeia do século passado.”

Voltemos às cantoras da Encomendação das Almas de S. Miguel. Logo que terminam o canto da Encomendação das Almas, costuma ser uma das mais experientes e dedicadas participantes, neste caso Maria de Fátima Torrado Milheiro que, no profundo sossego da noite, toca a dobrar o sino da torre da Igreja, tal como em momento de anúncio da morte de um paroquiano ou paroquiana da aldeia. Este toque, como o seu som ultrapassa, na maioria das residências, o som dos aparelhos de televisão, permite que muitos dos moradores de S. Miguel de Acha, com o iniciar do toque, lembrem os seus entes mais queridos que já partiram desta vida terrena e orem pela sua salvação eterna.



São Miguel de Acha.
Em oração no momento da passagem do Terço dos Homens à sua porta

Tenho tido o privilégio, graças ao consentimento das participantes, de poder escutar desde, há muitos anos, o comovente e “*impressionante*” canto das Almas nas melodiosas vozes do reduzido grupo de mulheres que, no alto da torre sineira, se colocam na posição de pé, formando um semi-círculo, encostadas umas às outras, pela exiguidade do espaço. Durante o canto, de olhos fechados, sinto, dentro de mim, no mais íntimo do meu ser uma indescritível sensação transcendental, graças aos acordes musicais da melodia com os melismas (estender as sílabas como em amor: *aaaamooooooooori*) e andamento arrastado que conferem uma perfeitíssima harmonia, lembrando sonoridades da polifonia medieval.

Durante muitos anos seguidos, o acesso à torre sineira da Igreja Matriz era uma aventura perigosa para as voluntariosas cantadoras da Encomendação das Almas por terem de subir as escadas e a protecção, ambas de madeira, pois se encontravam em confrangedora degradação. Só a mão de Deus possibilitou que não ocorressem acidentes que poderiam ser desastrosos. É de justiça, salientar que a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, através de um protocolo com a Fábrica da Igreja de São Miguel de Acha, na presidência do Eng.º Armindo Jacinto, a pedido das voluntariosas detentoras da função de cantar a Encomendação das Almas, mandou proceder à colocação, em ferro, de uma nova escadaria em caracol e o respectivo gradeamento com corrimão que passou a ser utilizado, a partir do início da Quaresma de 2015.

O Terço cantado pelas ruas

A propósito do citado terço cantado pelos homens, nas ruas de S. Miguel de Acha, no livro *Mistérios da Páscoa* de que sou co-autor com o fotógrafo Hélder Ferreira, cito Frederico Freitas⁰⁸, num estudo que publicara relativamente a canções tradicionais religiosas, no ciclo quaresmal e em que salienta:

«(...) Chama-se Terços aos cantares religiosos que em algumas das aldeias da Beira Baixa se entoam todas as noites madrugadas dos domingos e dias santificados da Quaresma. É um costume vindo de remotíssimos tempos. Duas extensas filas de rapazes, em geral solteiros, percorrem as ruas da povoação. No centro das duas alas, outros vão que cantam a voz, os das filas respondem fazendo o clamor como em outras regiões se chama a este cântico.»

São Miguel de Acha, na verdade, era uma das aldeias da Beira Baixa em que, em tempos passados, “nas noites madrugadas dos Domingos e dias santificados da Quaresma” se constituíam “duas extensas filas de rapazes, em geral solteiros”, percorrendo as ruas da povoação, para cantarem o Terço.

Após algumas interrupções, conforme testemunho de informantes que entrevistei e que, no final, apresento em anexo, o terço cantado pelas ruas, em São Miguel de Acha, embora a custo e sem a força de gente nova de outros tempos, tem actualmente a participação de alguns homens e de muito poucos jovens da localidade. Realiza-se, habitualmente, em todas as sextas-feiras da Quaresma, excepto na última que é a Sexta Feira Santa.



São Miguel de Acha.
Nicho Passo enfeitado



Quando, há já alguns anos, no meu trabalho de campo, constatei que, à saída do cortejo da capela da Senhora do Miradouro, para se dar início ao Terço cantado pelas ruas, para além de um dos homens conduzir uma cruz, (sem Cristo arvorado, pintada de preto, possuindo, na parte superior da mesma uma cartela de cor branca que contem a legenda JNRJ – Jesus de Nazaré Rei dos Judeus), ladeado por outros dois portadores de lanternas acesas, havia um quarto, um jovem com uma cana altita. Achara estranha a presença deste último, dado que quem participava, eram na maioria homens de idade avançada e apenas um ou outro jovem.

A descrição de Frederico de Freitas, veio a atestar o que alguns dos informantes me haviam já justificado. Dado que as filas de jovens na procissão eram extensas e era possível que surgisse um ou outro mais irreverente a perturbar a ordem e a disciplina costumadas, então a dita cana entrava em função pela mão de um jovem dos mais conceituados na aldeia.

O compositor, musicólogo e pedagogo Frederico de Freitas refere-se ainda a que “outros vão que cantam a voz, os das filas respondem fazendo clamor”. Nas terras da Idanha, costuma denominar-se aos que “cantam a voz”, de regradores.

Ainda hoje, ouve-se entoar pelas ruas de S. Miguel, o Terço cantado pelos homens, em noites das Sextas-Feiras da Quarema, parando nas sete estações. Acontece que no Ladoeiro, Alcafozes e Segura, estas procissões são organizadas pelas respectivas Irmandades das Santas Casas da Misericórdia. Há outras particularidades a salientar nas diferentes procissões. No caso de Alcafozes e Segura, participam fiéis de ambos os sexos. Acontece que, no Ladoeiro à semelhança de S. Miguel, apenas participam homens e ocorrem, nas cinco primeiras Sextas-Feiras da Quaresma, cabendo ao Pároco presidir às ditas procissões.

Tanto em São Miguel, como em Alcafozes e Segura os versos que se cantam, durante a procissão, em cada uma das sete estações, são idênticos, embora com ligeiras alterações, perfeitamente aceitáveis, pois são cópias pelas quais já os regradores seus antepassados se guiavam.

Há um outro aspecto digno a salientar, relativamente aos nichos e cruzeiros onde se cantam os sete Passos. É que estes são ornamentados por vizinha ou vizinhas da mesma rua onde se costuma parar. Enquanto em São Miguel, os sete Passos são perenes, formados por cruzeiros ou nichos de granito, sendo geralmente vestidos com colchas de seda, imagens de santos e jarras com arranjos florais, nas seis Procissões em que os homens cantam o Terço pelas ruas, já em Alcafozes e em Segura, os Passos são efêmeros e apenas a vizinha ou vizinhas da respectiva rua os ornamentam ou os vestem com colchas de seda, imagens de santos e jarras com arranjos florais, na 5ª Sexta-Feira da procissão, denominada dos Passos.

Atualmente, em São Miguel, um dos participantes no Terço às Sextas-Feiras, um pouco antes da hora aprazada, toca a sineta da torre da Igreja Matriz, para convidar os homens e jovens a reunirem-se junto da capela de Nossa Senhora do Miradouro, para se dar início ao Terço. Entretanto, preparam-se para envergar a opa preta com capuz, para além dos quatro que conduzem as alfaias atrás descritas, os dois regradores quer os do grupo da frente, quer os do grupo detrás cuja missão é lerem em voz alta verso a verso o manuscrito herdado dos seus antepassados.

De harmonia com o previamente acordado, pelas vinte horas e trinta minutos, inicia-se esta expressão e prática devocional denominada o Terço. A primeira paragem é, ali mesmo pertinho, no cruzeiro adossado à parede lateral norte da capela da Senhora do Miradouro. Junto do cruzeiro, colocam-se, como atrás refiro, o penitente que conduz a cruz pintada de preto, ladeado pelos outros dois portadores de uma lanterna

São Miguel de Acha.
Rosto no Terço
dos Homens

acesa. Os regredores do grupo da frente, colocam-se na proximidade destes e um deles começa por ler em voz alta:

-Primeiro Mistério. Neste mistério contemplamos Nosso Senhor Jesus Cristo, suando sangue do rosto em tanta quantidade que chegou a correr pela terra. 1º Passo.

Proferidas estas palavras, ambos os regredores, vão dizendo um a um os versos do 1º Passo que, de seguida repetem, os do 1º grupo, cantando em uníssono. Os regredores do 2º grupo, que se encontram um pouco mais afastados, lêem o mesmo verso e todos os do 2º grupo o cantam repetindo do mesmo modo. E assim por diante.

Para conhecimento dos leitores, apenas de seguida transcrevo na íntegra os versos do Primeiro Passo e, mais adiante, ao concluir a descrição, dar-vos-ei conta do que consta o Ofertório que tem lugar ao terminar da procissão.

1º Passo

Depois de tantos tormentos,
por nossa culpa sofridos,
põe-lhe aqui a pesada cruz,
sobre os seus ombros feridos,
e com grande amor a abraça!
E vai andando com ela,
ao lugar da justiça.
para ser pregado nela!
Sejais meu Senhor louvado,
pois que movido de amor,
sofreis ser atormentado,
p'ra livrar o pecador, Amén!



Logo que cantado o 1º Passo, avançam para tomar a dianteira, os três penitentes vestidos com a opa preta e cabeça coberta com o capuz, conduzindo a cruz e as lanternas, seguidos do grupo da frente que começa por cantar o Pai Nosso. Terminado este canto, o grupo detrás que segue a uma relativa distância começa por cantar a Avé Maria. Acresce referir que o jovem da cana procura colocar-se entre ambos os grupos. E enquanto vão caminhando os grupos, sucessivamente vão cantando o Pai nosso e a Avé Maria. Chegados ao 2º Passo, no Largo de Santo António, o grupo da frente canta:

- *Gloria patri, et filio et Spírito Sancto.*

E o grupo detrás, responde:

- *Sicut era in principio et nunca et semper, et in secula, seculorum, amem.*

Grupo da frente, de seguida canta:

- *Se... Senhor e Deus, misericórdia!..*

Grupo detrás, repete o mesmo cântico.

Colocados, nos devidos lugares, os três primeiros penitentes condutores da cruz e das lanternas, ocorre a breve leitura dos versos do Segundo Mistério e o canto do 2º Passo. Concluído este, volta a reiniciar-se a marcha. E assim sucessivamente, parando depois na Cruz do Vaz, Forno da Capela, Rossio, Adro, Praça e, de novo, chegados ao gracioso e artístico alpendre da capela de Nossa Senhora do Miradouro canta-se o 8º Passo.

Após o canto do 8º e último Passo, um dos regradores encarrega-se do ofertório que consiste em pedir a todos os presentes para conjuntamente rezarem: um Pai Nosso pelas Almas do Purgatório; um Pai Nosso por todos os que participaram no Terço e pelas suas intenções; três Avé Marias a Nossa Senhora do Miradouro para que dê saúde e paz aos participantes.

O terço finaliza-se cantando a Salvé Rainha.

Aos estimados leitores que pretendam ter conhecimento dos res-

pectivos versos de cada um dos Passos deverão consultar a obra, intitulada **S. Miguel de Acha Memórias da Cultura Tradicional**¹⁰⁹ que é da autoria de António Milheiro, bem como consultar a transcrição musical dos cantos que são da autoria do Maestro Joaquim Gonçalves.

Na entrevista, que reproduzo em anexo, com José de Jesus Bentes, de 67 anos de idade, referiu-me que, no Terço cantado nas ruas pelos homens, em tempos passados, o penitente que levava a cruz ia descalço e que a razão do terço ter acabado, foi por causa das mulheres terem passado a participar no terço.

Curiosamente, nas minhas recentes pesquisas ao consultar o Semanário **Reconquista** de Castelo Branco, com outro objectivo, deparei casualmente, no nº 777, datado de 27 de Março de 1960, com notícias de São Miguel de Acha. De entre estas notícias, surgiu uma surpreendente, intitulada **Tradição Quaresmal**, que passo a transcrever:

«Nestas noites, ainda invernosas e friorentas da presente estação quaresmal, após as cerimónias realizadas na nossa Igreja Matriz, terço ou via-sacra, algo de belo e sublime se passa dentro da nossa terra. Um grupo de rapazes e de homens, este ano também de mulheres e raparigas, com um grande e artístico crucifixo à frente, percorrem as principais ruas da freguesia, cantando o terço ou as diversas estações da Paixão do Senhor ou ainda as ladainhas de todos os Santos. Pena é que o costume de ir descalço e de gabão o que empenha a cruz e as lanternas se não respeite já.

Como nos enlevam e enchem a alma aquela música e aquela letra tão rica de sentimento e unção religiosa.

Conservemos tão belas tradições que muito dizem da fé e do amor a Deus dos nossos antepassados.»

Parece-me que as notícias, referentes a São Miguel de Acha, foram enviadas para o Semanário **Reconquista**, pelo então correspondente do citado Semanário. O autor da notícia em causa lamenta que, em 1960, já

não ia o penitente que conduzia a cruz, descalço e com gabão, nem os das lanternas e regista ainda que participaram, no acto penitencial, como de costume, rapazes e homens, mas que, nesse mesmo ano, também se incorporaram mulheres e raparigas.

O autor da notícia dá testemunho do seu encanto pelo acto penitencial e apela à preservação do mesmo. Também confirma a informação de José Bentes de que em tempos passados, quem, levava a cruz ia descalço e testemunha ainda que o mesmo vestia gabão e que os das lanternas apresentavam-se de forma idêntica ao do penitente que empunhava a dita cruz. O informante acima citado, referira na entrevista que o dito acto penitencial acabou porque *“diziam que as mulheres começaram a ir e os homens não gostaram dessa parte”*. Será que a verdadeira razão de ter parado o terço cantado na rua pelos rapazes e homens foi a presença das mulheres e raparigas?...



São Miguel de Acha.
Terço dos Homens

Ladainhas

No Capítulo IX das Actas do II Concílio de Braga, realizado no ano de 572, fora registada a seguinte petição:

“No princípio da Quaresma, reunindo-se as freguesias vizinhas, durante três dias e percorrendo as igrejas dos Santos, cantando salmos, celebrem as ladainhas. (...)”

Com origem, no Século VI, ainda hoje, ocorrem as Ladainhas, espécie de via-sacra que têm lugar, no sossego das noites frias, em tempo quaresmal.

No Concelho de Idanha-a-Nova, as Ladainhas foram reactivadas, em Proença-a-Velha e, mais recentemente, em S. Miguel de Acha.

Em Proença-a-Velha, que actualmente comemora com inúmeras e diversas actividades culturais os 800 anos do seu foral, cabe a organização das Ladainhas à Irmandade da Santa Casa da Misericórdia. Nos primeiros cinco Domingos da Quaresma, pelas vinte horas, os regradores das Ladainhas que são dois dos Irmãos da Santa Casa da Misericórdia, saem da Igreja da Misericórdia, atrás da Bandeira das Almas da Irmandade, seguidos do povo participante. É ponto de paragem obrigatório, em cada um dos sete Passos, por vezes, vestidos prontamente, por vizinha ou vizinhas da respectiva rua.

Em São Miguel, as Ladainhas, conforme atrás referi, foram recentemente reactivadas, por uma boa mão cheia de homens de boa vontade, sendo os seus principais dinamizadores, António Milheiro e João Mendonça.

As Ladainhas realizam-se, pelas vinte horas, nas Quintas-Feiras da Quaresma, excepto na última que é tempo da Semana Santa. À semelhança do Terço nas ruas, o ponto de partida é o alpendre de Nossa Senhora do Miradouro e o percurso pelas ruas é idêntico, passando sem parar, nos sete cruzeiros ou nichos, denominados Passos. Tal como no Terço nas ruas, a presença de jovens é diminuta, sendo a maioria homens com idade avançada.



Ao iniciar-se a procissão, seguem à frente, um dos penitentes que conduz a cruz pintada de preto, sem Cristo arvorado na mesma, ladeado por outros dois portadores de lanternas acesas.

Ao chegarem ao Passo primeiro, colocados os da dianteira, junto do cruzeiro adossado à parede lateral norte da capela da Senhora do Miradouro, o grupo compacto dos participantes, repetem as jaculatórias proferidas pelo regrador:

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor tende piedade de nós.
Jesus Cristo ouvi-nos.
Jesus Cristo atendei-nos.
Deus Pai do Céu, tende piedade de nós.
Deus Filho Redentor do Mundo,
tende piedade de nós.
Santíssima Trindade,
que sois um só Deus,
tende piedade de nós.

Após os penitentes da cruz e das lanternas voltarem a tomar a posição da frente, o regrador também com a opa preta e capuz na cabeça, inicia a Ladainha dos Santos. Sempre que o regrador invoca cantando um a um os Santos da Ladainha, os demais penitentes que vão atrás em grupo respondem cantando: **Rogai por nós.**

À semelhança do Terço cantado nas ruas, os participantes nas Ladainhas regressam ao ponto de partida, ao gracioso alpendre da capela de Nossa Senhora do Miradouro.

A Procissão dos Ramos

A Igreja com a solenidade do Domingo de Ramos propõe aos cristãos comemorar a entrada triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém. Hossana ao Filho de David. Hossana, palavra hebraica que equivale ao nosso viva. É um viva de entusiasmo e de alegria. É a aclamação como testemunho público de que Jesus Cristo é legítimo descendente de David, único e verdadeiro Messias esperado por toda a gente. Jerusalém fora a mesma cidade que, dias depois, havia de pedir a morte do Messias. Com o Domingo de Ramos, inicia-se a Semana Santa.

Eteria, peregrina espanhola, que visitou os Lugares Santos, no Século IV, relatou que a Procissão dos Ramos já se realizava, na cidade santa de Jerusalém e o Bispo incorporava-se, montado numa jumenta.

Em São Miguel de Acha, o povo concentra-se ao redor da Capela de Nossa Senhora do Miradouro. Homens, mulheres, jovens e crianças empunham ramos de oliveira enfeitados com diversas flores, evocando a forma alegre e calorosa como o povo judeu saudou e aclamou Jesus Cristo devido aos milagres que Ele realizara, quando desceu o Monte das Oliveiras a caminho de Jerusalém. Os ditos ramos dão ao ambiente festivo uma frescura primaveril.

Após a chegada do Pároco, ocorre a tradicional cerimónia da bênção dos mesmos. De seguida, organiza-se a Procissão dos Ramos em duas filas laterais, formadas pelos fiéis, colocando-se ao centro o Pároco que também leva um ramo de oliveira enfeitado. Durante o percurso, rumo à Igreja Matriz, entoam-se entre outros cânticos: *Bendito o que vem em nome do Senhor*. Chegados à Igreja Matriz, tem lugar a Missa.

Terminada a Missa, cada um leva o ramo benzido que guarda em sua casa. O ramo benzido, por vezes, é queimado, implorando a misericórdia de Deus, em momentos aflitivos como o de uma forte dor, de uma grave doença ou eminente trovoadas.

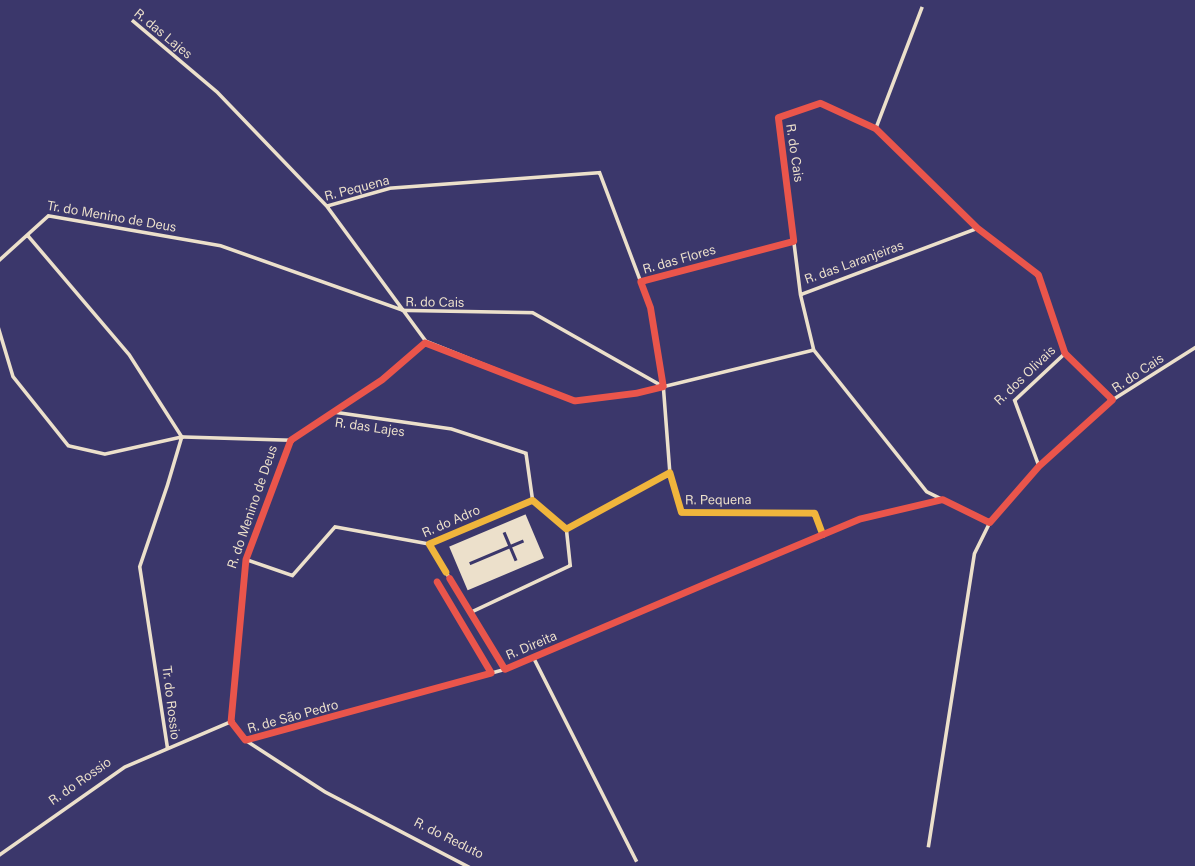
Há paróquias, no Concelho, em que o artístico ramo que o Pároco empunhara, durante a Procissão é guardado, e, dias antes da Quarta-Feira de Cinzas é queimado, para que o celebrante, em Quarta-Feira de Cinzas, utilize as ditas cinzas, na cerimónia, em que sinaliza uma cruz na frente de cada cristão participante. Este ritual lembra aos fiéis que são pó e que ao pó voltarão.

Quinta-Feira Santa

A Procissão do Encontro

São Miguel de Acha.

- Pcurso das demais Procissões
- Procissão do Encontro



Em dia de Quinta-Feira Santa, graças à generosidade e louvável empenho de um grupo de devotas, estão devidamente vestidas, em cima dos respectivos andores, ao fundo da Igreja Matriz, as imagens de roca do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora das Lágrimas e de São João Evangelista que, de seguida, passo a descrever.

A imagem processional, representando o Senhor dos Passos, é de tamanho natural, articulada, de rosto contrito e ensanguentado, boca ligeiramente aberta, barba e cabelo compridos e pretos que caem sobre os ombros. Apresenta-se vestida com manto roxo, evocando uma das quedas de Jesus Cristo, durante a caminhada para o Calvário, conforme com a posição de genuflexão assentando o joelho esquerdo sobre uma almofada, colocada na base do andor. Sobre o ombro esquerdo, suporta a comprida e pesada cruz pintada de preto e segura-a com ambas as mãos. Devido à extensão da mesma, é ainda sustentada, na extremidade da parte traseira do andor, por uma haste de ferro, na posição vertical. Na cabeça sobressai a coroa de espinhos e, na cintura, a corda que lhe envolve a mesma, cujas pontas caem, no lado direito, sobre o manto.

São Miguel de Acha.
Pano de armar com prisão
de Cristo ou beijo de Judas



A da Virgem, invocada com o nome de Nossa Senhora das Dores, apresenta-se de pé, de frente, com cara e mãos com carnações, suportando nestas, à frente, uma comprida toalha de linho com renda nas extremidades; rosto alongado, olhar triste e vago, vestido comprido de seda de cor roxa e dourada. Cobre-lhe a cabeça o manto de veludo azul guarnecido em toda a volta por um galão dourado.

São João Evangelista, de pé, com rosto arredondado, sobrancelhas altas, boca pequena de lábios finos, sem barbas, aparentando ser jovem, e com cabelo liso longo que cai sobre os ombros. Ostenta um cabeção de cor branca no pescoço e a túnica comprida verde cai em pregas verticais cobrindo em parte os pés. O manto vermelho, sobre os ombros, ata, à frente, formando um formoso laço.

Também constatei que uma das colunas do arco cruzeiro se encontrava, em parte, tapada por um longo pano roxo, certamente a evocar os panos efêmeros de armar, em linho, pintados com cenas da Paixão de Cristo, que antigamente eram expostos para meditação e contemplação do povo, dentro das Igrejas, na Semana Santa.

Ainda hoje, poderá o leitor observar um desses, representando a *Flagelação de Cristo*, datado de 1688, que se encontra exposto na nave da Igreja da Misericórdia de Medelim.

A Paróquia de S. Miguel de Acha também possui um fragmento de pano de armar do séc. XVII/XVIII, representando a *Prisão de Cristo* ou *Beijo de Judas*. Este mede de altura 195 cm, mas encontra-se em deplorável estado de degradação.

Aquando da organização pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova da IV Exposição de Arte Sacra que coordenei e que foi inaugurada, no dia 23 de Dezembro de 2009, no Forum Cultural de Idanha-a-Nova, relativa às Paróquias de S. Miguel de Acha e de Aldeia de Santa Margarida, foi exposta, uma réplica fotográfica do dito pano de armar com a representação da *Prisão de Cristo* ou *Beijo de Judas*.

Ao cair da noite, em S. Miguel de Acha, após a celebração da Missa, sai a Procissão do Encontro, piedoso e catequético cortejo. Este inicia-se, saindo à frente da procissão, três Irmãos envergando cada um uma opa vermelha, cabendo a um conduzir a cruz processional, ladeado pelos outros dois empunhando as lanternas acesas. Este costume de vestirem as três opas vermelhas certamente são indícios da extinta Irmandade da Confraria do Santíssimo Sacramento de S. Miguel.

A procissão organiza-se em duas filas, como é comum ocorrer nas demais procissões. A certa altura, sai do portal da Igreja o Pároco, vestido com a alva e a estola roxa, e de seguida a Imagem do Senhor dos Passos, conduzida por quatro homens vestidos com opas roxas, de cor semelhante ao manto do Senhor dos Passos, a cor da paixão de Cristo. O percurso inicia-se para o lado esquerdo, a caminho da Rua Direita. Ao longo da procissão, canta-se o encantador cântico da Paixão:

**Senhor Deus, Misericórdia.
Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa,
Alcançai-nos do Vosso Amado Filho,
Misericórdia.**

Seguidamente, um reduzido número de fiéis, acompanhando os andores com as imagens de Nossa Senhora das Lágrimas e de São João Evangelista, pelo portal da igreja e encaminham-se, para rua da Oliveira. Iniciado o percurso, em silêncio profundo, caminham até que chegam à esquina do Largo da Praça, ponto de paragem obrigatório, para que, em tempo oportuno, ocorra um dos momentos altos da procissão. Acontece, então, no Largo da Praça, no decurso do sermão do Pároco, a representação cénica do Encontro de Jesus Cristo com Sua mãe, Nossa Senhora das Dores.

Embora não esteja narrada nos Evangelhos a impressionante cena do Encontro, por força da tradição cristã legada pelos antepassados do povo de São Miguel de Acha, esta sucede de uma forma sublime e enternecedora.

O ritual do citado Encontro é único em todo o Concelho e deverá ser raro no País. É comovente, repassa o recôndito mais íntimo do coração dos presentes, mesmo o dos não crentes, quando, num silêncio profundo, os penitentes que conduzem os andores com as imagens do Senhor dos Passos e os da Virgem se vão aproximando lentamente e, quando bem próximas, os que conduzem a imagem da Virgem Mãe, começam a curvar lentamente o andor, em movimento pendular, até que ambos os rostos parecem tocar-se. Passados uns momentos, com idêntica arte, carinho e encantadora suavidade, vão afastando as mesmas imagens de modo a que prossiga a procissão, seguindo atrás da do Senhor dos Passos, a de Nossa Senhora das Dores e a de São João Evangelista.

Aquela ambiência de ternura e de mil e um carinhos é um convite a lágrimas reprimidas, a ingénuas lamentações de algumas das crentes presentes e um transcendente apelo à reflexão, à introspecção, relativamente ao drama vivido por Cristo e a Virgem, Sua mãe, há dois mil anos passados.

Reiniciada a procissão, continua a entoar-se o mesmo cântico até ao regresso à Igreja Matriz. O acto religioso termina, após o Pároco, Padre Martinho Lopes Mendoça, usar da palavra para ajudar os fiéis presentes a reflectirem sobre os intensos momentos vividos, ao longo da Procissão com especial incidência no do Encontro.

'Os Martírios'

Este canto religioso quaresmal, espontânea manifestação do sentimento do povo, impregnado de tristeza e dor, é uma prática extra-litúrgica. Daí que decorra fora de lugares de culto.

As quadras cantadas nos Martírios, narram todo o sofrimento, toda a tribulação, toda a angústia, todo o martírio de Jesus Cristo, por força dos castigos infligidos até à cruel morte na Cruz, nomeando uma a uma as partes flageladas do corpo, desde os cabelos aos pés.

As quadras que costumam cantar-se, em algumas das localidades do Concelho de Idanha-a-Nova, podem variar ligeiramente, quer no número, quer no seu conteúdo.

Em São Miguel de Acha, na mesma noite da Procissão do Encontro, à hora previamente anunciada, um grupo de mulheres, ligadas por vivências comuns, sobe à torre da Igreja Matriz, para cantar os Martírios do Senhor.

O grupo das penitentes, nos últimos anos, embora sofrendo ligeiras alterações, é composto pelas que participam no canto da Encomendação das Almas.

As quadras são cantadas, por todas em conjunto, em tom sofredor e pesaroso. É acima de tudo uma impressionante prece de inspiração popular que toca a todos os que as ouvem, mesmo os não crentes.

A seguir, transcrevo as dezassete quadras ou estrofes que é costume antigo cantar-se em São Miguel de Acha:



1.
Bendita e louvada seja,
A paixão do Redentor.
Que p'ra nos livrar das culpas,
Morreu em nosso favor.

2.
Já la vai par'ó Calvário,
O bom Jesus Redentor.
Que p'ra nos livrar das culpas,
Morreu por nosso amor.

3.
Suportou grandes tormentos,
Duros martírios na cruz.
Morreu para nos salvar,
Bendito seja Jesus.

4.
Quanto por nós padeceste,
Ó bom Jesus Salvador.
Quem há que possa entender,
Tantos excessos de amor.

5.
Lá em cima ó Calvário,
Está um craveiro na cruz.
A água com que se rega,
É o sangue de Jesus.

6.
Lá em cima ó Calvário,
Está Jesus Cristo à morte.
Está numa cama de angústia,
Quer suspirar e não pode.

7.
Meu Jesus, quando vos deram
Fel e vinagre a beber.
Que lágrimas choraria,
Sua Mãe que estava a ver.

8.
Por merecimento infinito,
De tão amarga paixão.
Terno Jesus concedei-nos
De nossos crimes perdão.

Na sequência do que é referido atrás, relativamente às recolhas de Fernando Lopes Graça em S. Miguel de Acha, no ano de 1953, o leitor poderá compulsar a citada obra literária da sua autoria, ***A Canção Popular Portuguesa***, e a páginas 149 encontrará a transcrição musical e a respectiva anotação quanto aos Martírios onde sobressai o seu apreço pela “verdadeiramente surpreendente” melodia.



Sexta-Feira Santa

A procissão do Enterro do Senhor

A procissão do Enterro do Senhor simula o enterro de Cristo, graças a uma tradição trazida de Jerusalém, no século XV.

A abrir a procissão, em que se sente um ambiente de respeito, recolhimento e silêncio, sai da Igreja Matriz, a cruz processional, conduzida por um dos Irmãos, ladeado por outros dois que empunham as lanternas acesas, envergando cada um, uma opa vermelha.

Seguidamente, na posição horizontal, sai a cruz pesada e comprida que, no dia anterior, suportara num dos ombros a imagem do Senhor dos Passos. Curiosamente, a alva e comprida toalha que pende dos braços da mesma cruz fora a que suportava nas mãos a Imagem da Senhora das Dores, na procissão do dia anterior.

Atrás da cruz, segue o Pároco de alva e de estola vermelha, antecedido de um grupo de crianças que apresenta, segurando nas mãos, alguns dos símbolos ou insígnias da Paixão de Cristo como a coroa de espinhos, o martelo, os cravos, a escadinha e a lança.

Decorridos os rituais próprios, incorpora-se a imagem do Senhor Morto, transportada num esquife, ao ombro de quatro homens, vestidos com opa roxa, seguida dos andores com a imagem da Virgem-Mãe e da de São João Evangelista.

Acresce referir que a imagem do esquife é a mesma da do Senhor dos Passos, por ser articulada. Esta, no esquife, pintado de negro, vai coberta com um pano roxo, excepto a cabeça que assenta num alvo traverseiro.



Durante o percurso, reina um silêncio profundo, apenas quebrado pelo som da matraca e pelo seguinte canto do povo:

Heu, Heu, Salvador, Or Meu.
Heu, Heu, Por Via, D'amor Meu.
Heu, Heu, Dominé, Nostra.

Terminado o costumeiro trajecto pelas ruas da procissão, regressa de novo à Matriz.

Na capela mor, junto ao altar, o esquife é colocado, com carinho e suavidade, no lajedo, pelos fiéis que o transportavam. Ao lado dos pés, da imagem do Senhor morto no esquife, mantêm-se de pé, os três homens empunhando a cruz processional e ambas as lanternas. Ambas as imagens de Nossa Senhora das Dores e de São João Evangelista são colocadas em cima de dois dos bancos traseiros, ao fundo da Igreja.

As cerimónias de Sexta-Feira Santa terminam, após uma breve prática do Pároco com alusão à Paixão e Morte de Cristo.

Sábado de Aleluia

Na actualidade, em São Miguel de Acha, sempre que a disponibilidade do Pároco permite, dado que também é Pároco de mais três Paróquias, realiza-se, no Sábado da Aleluia, à noite, a Vigília Pascal.

No decurso da celebração, na altura própria, o Pároco canta o Glória. A partir desse momento, os sinos da torre em ambiente festivo repicam a anunciar a comemoração da Ressurreição de Cristo e o povo canta:

Ai, aleluia, aleluia,
Ai, aleluia já é festa!

Terminada, a Vigília Pascal, o povo concentra-se, no adro, em frente do portal da Matriz onde ao som do adufe, tocado pelas mãos ágeis e leves das adufeiras, canta as Alvíssaras, dedicadas ao Santíssimo Sacramento. São então entoadas as mais belas quadras de inspiração poético popular. A última a cantar, à laia de despedida, é esta:

Santíssimo Sacramento,
Que lá estais no Vosso altar.
Deitai-nos a vossa bênção,
Que nos queremos ir andar.

O povo depressa se reorganiza, para se deslocar à residência paroquial em ambiente alegre e de salutar convívio, a fim de cantar as alvíssaras ao Pároco. Os adufes, tocados com mestria, na maioria pelas detentoras do canto da Encomendação das Almas e dos Martírios, animam o ambiente em redor do Pároco. De entre as várias quadras das alvíssaras entoadas, jamais pode ser olvidada esta:

Acorde Senhor Vigário,
Cumpra o seu papel,
Venha dar as boas festas,
Ao povo de São Miguel.

Refrão
Ai, aleluia, aleluia,
Ai, aleluia já é festa!

A finalizar o canto das alvíssaras, oferecem ao Pároco um perfumado e colorido ramo de flores, enquanto cantam em uníssono esta outra quadra:

Aqui tem este raminho,
No meio tem um botão.
Oferecemos a Vossa Reverência
Com amor e devoção.

O Pároco sensibilizado e agradecido presenteia os folgazões com bolos, amêndoas e bebidas.

A Procissão da Ressurreição

Nos corações dos crentes há uma incontida alegria que se expressa no desejar de Boas Festas uns aos outros, quer após o aparecimento da Aleluia, quer no dia seguinte, quando se reencontram para participar, na Procissão da Ressurreição.

Curiosamente, constatei que, enquanto nas maioria das paróquias do Concelho onde se realiza a Procissão da Ressurreição, se incorporam as imagens da Virgem, de São João Evangelista, de Santa Maria Madalena e de outros santos, na de S. Miguel de Acha e noutras, à semelhança das procissões atrás descritas, abre *a procissão* a cruz processional, conduzida por um dos Irmãos, ladeado por outros dois que empunham as lanternas acesas, envergando cada um uma opa vermelha e o Pároco, debaixo do pálio, conduz a preciosa e artística Custódia com Jesus sacramentado.

À saída da Procissão da Ressurreição que se realiza pelo trajecto habitual, repicam os sinos a anunciar a comemoração da Ressurreição de Cristo, criando um ambiente festivo.

No decurso da procissão, o Pároco entoa o cântico **Regina Coeli** a que os fiéis respondem **Aleluia, Aleluia**, em tom transbordante de alegria pela evocação de Cristo ressuscitado.

Após o regresso à Igreja Matriz, segue-se a Missa. No final da mesma, o Pároco convida a assembleia a beijar o Crucifixo, lindamente enfeitado com coloridas e frescas flores naturais.

Nota final

Muitos dos estudiosos, musicólogos e etnomusicólogos da música tradicional portuguesa consideram que a Beira Baixa é a mais rica em tradições musicais.

Rodney Gallop (1901-1948), diplomata e etnógrafo inglês que percorrer Portugal, nos anos de 1931 a 1933, afirmara:

“A parte de Portugal que oferece mais rica e interessante variedade de canções populares é, sem dúvida, a Beira Baixa, particularmente os concelhos de Penamacor, Idanha e Covilhã.”

Fruto das minhas investigações, venho constatando que, nomeadamente a partir do início do século passado, no concelho de Idanha-a-Nova, são inúmeros os investigadores no domínio da música tradicional portuguesa que realizaram ou realizam trabalho de campo com especial incidência em Monsanto, Penha Garcia, São Miguel de Acha e Idanha-a-Nova, com resultados surpreendentes e agradavelmente compensatórios.

Tendo em conta o acima exposto, são merecedores do reconhecimento e homenagem de um modo especial, Fernando Lopes Graça, Michel Giacometti e José Alberto Sardinha pelo persistente e aturado estudo e pela ampla divulgação da música tradicional de São Miguel, quer em obras literárias, quer em registos discográficos, incluindo em CD’s.

A António Milheiro e ao Maestro Joaquim Gonçalves, ambos naturais de São Miguel e amantes do seu torrão natal, também lhes rendo o meu reconhecimento e a minha homenagem.

Ao cidadão António Milheiro pelo livro da sua autoria, intitulado, **S. Miguel de Acha Memórias da Cultura Tradicional**⁰⁹, que é fruto da sua paciente entrega à recolha, defesa, preservação e divulgação do património material e espiritual e ainda pelo seu pertinente gesto de humildade, ao ter convidado o Maestro Joaquim Gonçalves, para a árdua tarefa de transcrição musical das inúmeras canções profanas e religiosas que recolhera na sua aldeia.

Ao distinto Maestro do Coro Stella Vitae, Joaquim Gonçalves, pelo seu precioso e louvável trabalho de transcrição musical das canções recolhidas que valorizou profundamente o conteúdo do citado livro.

Entre outras localidades privilegiadas, na Beira Baixa, há a destacar, nas terras arraianas das Idanhas, nomeadamente, Monsanto, esta galardoadas como a aldeia mais portuguesa, Penha Garcia, São Miguel de Acha e Idanha-a-Nova, porque legam aos vindouros registos no domínio musical que comprovam relevantes contributos, para a afirmação da identidade local, regional e nacional.

Referências bibliográficas

1. Couto, Pe Luís Sousa, **Origem das Procissões da Cidade do Porto**, Edição da Câmara Municipal do Porto, pp 17.

2. Eliade, Mircea, **Tratado de História das Religiões**, Edições Cosmos, Lisboa, 1977, pp. 411

3. Sabugosa, Conde de, A **Rainha D. Leonor**, Portugal, Lisboa,1921, pp. 286.

4. Lopes Dias, Jaime, Volume V, 2ª Edição, Lisboa pp. 81

5. Lopes Graça, Fernando, **A Canção Popular Portuguesa**, Editorial Caminho, 4ª Edição remodelada, Lisboa, 1991, pp. 31-32.

6. Giacometti, Michel com a colaboração de Lopes Graça, Fernando, **Cancioneiro Popular Português**, Círculo de Leitores, Lisboa, 1981

7. Cascudo, Teresa, **Música e Identidade na obra de Fernando Lopes Graça: uma abordagem entre a História e a Crítica**, Imprensa da Universidade de Coimbra, DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0199-1_37, pp. 568

8. Catana, António Silveira e Ferreira, Hélder, **Mistérios da Páscoa em Idanha**, Editora Êsquilo, Lisboa, 2004, pp. 37.

9. Milheiro, António, **S. Miguel de Acha Memórias da Cultura Tradicional**, Edição da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e Casa do Povo de S. Miguel de Acha, 2002.

Entrevista a José de Jesus Bentes

José de Jesus Bentes, de 67 anos de idade, natural de S. Miguel de Acha, é residente em Idanha-a-Nova, desde 1984. Tendo eu sido informado que este fora, durante uns anos, um dos responsáveis pelo Terço em São Miguel de Acha, dirigi-me à sua moderna e funcional padaria, na Vila de Idanha-a-Nova para o entrevistar, após conversa telefónica antecipada.

No posto de venda da padaria, iniciámos uma breve conversa e, de seguida, dirigi-lhe a seguinte pergunta:

- É verdade que sempre gostou do Terço dos Homens que se canta pelas ruas, na sua terra natal?

José Bentes, sentado na cadeira em minha frente, após interrogado, ficou suspenso, sem responder por uns momentos, mas logo que o seu rosto cheio começou a espelhar um sorriso de paz consigo mesmo, disse:

- Desde muito novo comecei a participar no Terço dos Homens. Nesse tempo, participava a juventude. Éramos aí uns trinta rapazes e homens acompanhavam-nos aí uns dez. O que levava a cruz ia descalço. Os que levavam a cruz, a cana e as lanternas pagavam para as levar. A cana era para manter o respeito e às vezes trabalhava, naqueles que perdiam o respeito... No meu tempo de novo, havia muita juventude. Olhe que viemos à Idanha, à inspecção militar uns trinta e tal. Na taberna, juntávamo-nos aos 20 rapazes. Agora, está quieto, dois ou três será o muito... Depois acabou o Terço pelas ruas...

Diziam que acabou, porque as mulheres começaram a ir e os homens não gostaram dessa parte.



Quando voltou a ser reactivado?

- Olhe, foi aí, pelo ano de 1977. O meu amigo Luís Raposo, mais conhecido pelo Luís da Mota, já falecido, convidou-me para os dois reactivarmos o Terço pelas ruas. Nós, de vez em quando, costumávamos falar das saudades e das peripécias que se passavam no nosso tempo de cachopos. O Luís da Mota era uma pessoa acarinhada pelo povo e tinha os papeis completos do que desde antigamente se cantava e que tinham sido guardados por uma pessoa da sua família. A nossa vontade não era por sermos religiosos de Missas todos os dias, mas sim por gostarmos muito das nossas vivências da tradição do Terço. Tínhamos e mantinhamos a minha fé em Deus. Naquele tempo, queríamos manter a tradição dos nossos pais e avós de que nós, quando éramos novos, gostávamos mesmo muito. Nós os dois, conseguíamos ajuntamentos dos 15 ou 16 anos, de uns 4 ou 5, e de uns 20 a 30, na casa dos 40 anos. Não era preciso convidar ninguém. Sabiam a que horas era e o dia da semana e compareciam. Julgo que fazíamos nas Quintas ou Sextas-Feiras. Eu era o solista do grupo da frente e o Luís era o solista do grupo detrás, que era o maior. Depois, vim a viver para a Idanha, ainda lá fui algumas vezes. Mas, depois acabou o Terço. Agora, mais tarde, recomeçou-o o António Milheiro que também tem provado que gosta muito das nossas tradições. Na Encomendação das Almas e nos Martírios só cantavam mulheres. Nas alvíssaras ao Pároco, cantávamos todos, homens e mulheres. No final o Padre dava um garrafão de vinho para os homens e dois pães-leves para as mulheres. A Ti Lopa era a alma da Encomendação das Almas, dos Martírios e das Alvíssaras ao Padre. Julgo que até agora nunca pararam de cantar a Encomendação das Almas. Cantavam na torre da Igreja, por cima do Salão Paroquial e, junto da Casa Capelo, no balcão da D^a Mariana. Cada vez há menos gente, nas terras e os tempos são outros. Já há uns anos, o senhor convidou-me para cantar a Encomendação das Almas, na Idanha. Aderi. Cá andamos, com gosto, homens e mulheres, todas as Sextas-Feiras da Quaresma. Por vezes, as noites são mesmo frias. Por minha vontade, há que seguir para a frente. Eu gosto de continuar as nossas belas tradições.

Entrevista a Jaime Torres

Um outro informante que me recebeu em sua casa, como se fosse da sua família, foi Jaime Torres, de 89 anos de idade, nascido em São Miguel de Acha e onde vivera, até aos vinte e sete anos. Aprendera a arte de pedreiro com seu pai. Como o pão de cada dia era incerto, lançou-se na aventura de partir para África, mais propriamente para Moçambique.

Regressou com a família dezanove anos depois, aquando da independência de Moçambique. Passou a ser funcionário da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova até à data da sua aposentação. Das vezes em que me dirigi ao Sr. Jaime, na Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, sempre fui atendido com simpatia e quanto aos assuntos que lhe expunha, procurava esclarecer da melhor forma. Em conversa que eu mantinha com funcionários dessa época a respeito do Sr. Jaime, sempre ouvi tecer elogios pelo seu companheirismo e pela sua natural boa disposição.



Depois de dizer ao informante Jaime Torres a razão do meu interesse em entrevistá-lo, comecei por afirmar:

- Até há bem poucos anos, verifiquei que era assíduo, no Terço dos Homens de São Miguel...

Jaime Torres, respondeu-me num rompante:

- Até há dois anos atrás, sempre fui de vontade ao Terço dos Homens, desde que o recomeçou o António Milheiro. Houve uma altura em que eu e ele é que dirigíamos o terço. Deixei de ir, porque as minhas pernas e a doença não deixam. Tenho receio de cair. Havia de ter assistido, no meu tempo de novo. Toda a rapaziada participava. O canto e todos os dizeres eram iguais aos de agora. E continua a sair-se da Capela da Senhora do Miradouro, percorre-se o povo como antigamente, e regressa-se de novo à mesma capela. Os nichos por onde passávamos, pareciam um altar, eram enfeitados, pelas vizinhas, com flores e velas. As rezas finais são um encanto. Lembramos e rezamos aos nossos que já partiram. Era uma rua cheia de malta nova. Antigamente, parece que toda a malta gostava de ir ao terço. As mulheres nunca participaram. Elas, detrás das janelas punham-se a rezar, quando passávamos no cortejo, e acendiam candeias, lanternas e punham até velas, nas janelas e nas escadas das casas de balcão. Na noite escura, era bonito de se ver. Agora vai pouca gente e são quase todos já de idade. O sr. Padre Luís chegou, algumas vezes, a acompanhar-nos.

- Com que idade começou a participar no Terço?

- Compreende, muitos como eu, que vivemos estas nossas lindas tradições, começámos, desde mais ou menos, aos catorze anos de idade. Era rapazote. E já assim faziam os nossos avós e pais. Há cá uma força interior que nos puxa a ateimar para que se mantenham. Agora de há pouco tempo para cá, continuam a fazer o terço às Sextas-Feiras e as Ladainhas, às Quintas. E eu acho que, desde tempos antigos, sempre continuou um pequeno grupo de mulheres a cantar a Encomendação das Almas. É digno de se ouvir, na calada da noite, elas a cantar, no cimo da nossa Torre da Igreja. Já há uns anos que a Fátima, a mulher do António Milheiro, está à frente. Deus dê forças aos que teimam em continuar... Eu sempre fui amigo de participar em todas as tradições da nossa terra. Olhe que São Miguel, nas tradições da Quaresma não fica abaixo das outras aldeias do Concelho.

- Em nove das Paróquias do nosso Concelho é a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia que organiza muitas das celebrações da Quaresma...

- Aí é que está o valor da nossa Terra. Eu li isso, num dos seus livros. Na nossa terra, para além de haver o Terço e a Ladainha dos homens e a Encomendação das Almas pelas mulheres, aqui sempre houve, durante a Quaresma, o Aniversário das Almas. Vinham quatro e cinco padres para confessar homens, mulheres e a gente nova. Numa Quarta-Feira, a meio da Quaresma, havia a Sarração da Velha. Arranjávamos latões velhos e tábuas com pre-

gos. A malta batia à porta das velhas e dizia- Ó avozinha a quem deixa o penico? Havia velhas que colaboravam, mas outras que guardavam a urina de dois ou três dias e atiravam-na à malta, quando um de nós batia à porta delas. Elas já estavam à espera, detrás da porta... A mim nunca me calhou.... Era interessante. Na Quaresma não havia folia. Eram só cantos religiosos e a malta desforrava-se naquele dia com o costume de Sarrar as velhas...

A seguir, **Jaime Torres**, ficou pensativo, até que me disse:

- Vamos falar da Semana Santa?

Respondi-lhe afirmativamente com aceno de cabeça.

- No Domingo de Ramos, continua a haver Procissão dos Ramos e a Missa. Primeiramente, quando eu era novito, a procissão saía da Igreja Matriz, depois do Pároco abençoar os ramos. Toda a gente levava os ramos de oliveira enfeitados com flores na procissão. Quando se voltava à Igreja, a porta estava fechada. O padre dava uma pancada na porta, e de novo as portas abriam-se. Começava então a Missa. Na Quinta-Feira Santa, havia a Missa com a cerimónia do Lava-pés e à noite saía a Procissão do Encontro. Como agora, o Senhor dos Passos com a cruz às costas ia por uma rua e, passado pouco tempo, ia Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista, como agora, vão por uma rua e vêm por outra. Mas, ainda hoje, acontece, na Praça, o Encontro. Mas dantes, o Largo da Praça, ao chegar a procissão, ficava à pinha. O Padre subia na Praça, para um balcão grande, que já foi demolido, e aí fazia o sermão. Era lindo de se ver. Estava toda a gente a ouvir em silêncio o Padre. A certo ponto do sermão, o Padre falava no Encontro. Nessa altura, os homens que pegavam os andores com as imagens de Nossa Senhora das Dores e a de São João Evangelista que estavam, na esquina, começavam a avançar lentamente para o meio da Praça onde estava parada a imagem do Senhor dos Passos. O Padre continuava a descrever o Encontro numa maneira tão real que até parecia que aproximavam muito devagarinho o

rosto da imagem de Nossa Senhora das Dores do da do Senhor dos Passos. Era arrepiante, mexia cá dentro, vi cair lágrimas na cara de muitas mulheres quando os rostos das duas imagens pareciam mesmo tocar-se. Só visto. São imagens fortes que levo quando partir deste mundo. Uma coisa é certa, eu sempre gostei de ir, nessa Procissão. Depois, como agora, a procissão começava a andar e ia à frente o Senhor dos Passos, seguindo atrás as outras duas imagens a caminho da nossa Igreja. Nessa mesma noite, mais tarde, muita gente do povo ia a ouvir cantar os Martírios. Dava dor ouvir um grupo de mulheres, no sossego da noite, cantar, muito certinhas, a descrever um a um os padecimentos da Paixão de Cristo. Nesse tempo, a Ti Ana Lopa, era a primeira das primeiras, na devoção e no canto dos Martírios, da Encomendação das Almas e em todos os outros cantos acompanhados com o adufe. Há até um disco de vinil com a fotografia da Ti Lopa, na capa, a tocar que foi divulgado pelo Dr. José Alberto Sardinha. Na Sexta-Feira Santa é quase tudo igual ao antigo. Continua a haver a leitura da Paixão e a adoração da cruz. À noite a procissão do Enterro e três mulheres cantam os Éos. Vai, à frente da procissão a cruz grande com a toalha branca dependurada, depois as crianças levam, numa bandeja, os martírios de Cristo: a coroa de espinhos, o martelo, a escadinha e os cravos. Segue Cristo, no esquife, conduzido por homens. O povo vai em silêncio e com muito respeito. Só a grande diferença é que agora comparece muito menos gente, mas em parte deve-se a que dos muitos que partiram, foram poucos os que voltaram como eu e a minha mulher. Mas já estamos impossibilitados de sair de casa. As pernas não nos deixam caminhar e as dores consomem-nos.

A esposa, Aurora Pires Gomes, que estava ouvindo o marido, interrompe a conversa e olhando para mim, disse-me:

- Posso acrescentar uma coisa?

(Questionou-me a esposa do Sr. Jaime)

- Na procissão do Enterro do Senhor, também cantava a Verónica que ia

vestida de preto. No meio daquele silêncio das pessoas era um encanto ouvir aquele canto e ver, ao mesmo tempo, ela a desenrolar um pano pintado com o rosto de Cristo, todo ensanguentado. Metia respeito a todos os presentes. Está tudo bem o que foi dito pelo meu Jaime, mas desculpe... Já passaram muitos anos. Eu também tenho os mesmos oitenta e nove...

Jaime Torres:

- Continuando: no Sábado da Aleluia tocavam os sinos, pelas dez horas da manhã. Mas, à meia noite de Sábado para Domingo, em especial as mulheres com os adufes iam a dar as alvíssaras ao Padre. Ele dava amêndoas e vinho. Era uma alegria. No Domingo de Páscoa, havia e há a procissão da Ressurreição e a seguir a Missa. Na procissão, não iam e nem vão imagens. Vai à frente da procissão, a Cruz e duas lanternas, o povo e o padre, que leva a custódia com o Santíssimo, vai debaixo do pálio. Depois do almoço, antigamente, o Padre ia a dar as boas festas de casa em casa. As famílias e os amigos iam a casa de uns e dos outros a beijar o crucifixo. Beijava-se o crucifixo um bom par de vezes. Além do Padre, ia o sacristão com o crucifixo enfeitado com flores, um outro levava a caldeirinha com a água benta e outro levava a bolsa para aceitar a esmola que as pessoas queriam dar. Eu cheguei a levar a bolsa. A maioria dos pobres davam vinte e cinco tostõezitos. Só, nas casas ricas é que comíamos umas amendoazitas e uns bolozitos. Corria-se, casa por casa, o povo todo e só íamos a um bairro fora, quando se vai para a Santa Catarina.

Aurora Gomes voltou a pedir-me para contar um episódio que se passou, no Domingo de Páscoa, na altura da visita pascal.

Acedi ao seu pedido, para concluirmos a entrevista.

- Nascemos ambos, no mesmo ano. Eu faço anos a 21 de Abril. Nasci Domingo de Páscoa. E o meu marido a 20 de Fevereiro, nasceu na Quinta-Feira de compadres. A minha mãe teve dez filhos. Os primeiros seis morreram todos. Depois, vieram o meu irmão Joaquim e o Francisco que vingaram. A seguir, a nona, nasci eu, num Domingo de Páscoa. Naquele tempo, vinha o Sr. Padre a dar o Senhor a beijar às casas da gente. Contava a minha mãe que ainda beijou Nosso Senhor, na nossa casa. E, a seguir, num repente, desenrolou-se o parto e nasci eu. Fui sempre muito mimada e querida, na nossa casa. Já faz ideia o que foi, depois de tudo, aparecer uma filha. Eu era o aí Jesus da nossa casa e dos meus tios.



O testemunho de um forasteiro

Natural e residente, na Orca, freguesia do Concelho do Fundão

Na última Quaresma, das vezes em que tenho participado no terço dos Homens e nas Ladainhas constatei que havia uma figura participante, embora integrada com naturalidade que me não parecia ser de São Miguel, embora já a tivesse visto algures. Perguntei ao Sr. António Milheiro se a dita figura de homem bem parecido seria seu conterrâneo. Num ápice me informou que era da Orca. Decidi entrevistá-lo. Pedi-lhe para se identificar e, de seguida, me referisse a que se devia à sua assídua participação, nas citadas procissões penitenciais. Eis a sua resposta:

- O meu nome é Alfredo Silva, tenho 62 anos de idade. Sou militar da Armada aposentado. Embora tenha casa em Cascais, vivo ultimamente mais na Orca. Tanto eu, como os meus pais somos naturais da Orca. O meu avô paterno era natural de S. Miguel de Acha, mas não conheço aqui familiares. Nestes dois últimos anos, tenho procurado participar, no Terço dos Homens e nas Ladainhas do início ao fim. E por quê? Porque sou de formação cristã, mesmo de origem. Gosto muito destas tradições que nos deixaram os nossos antepassados e se nós participarmos, acabamos por transmiti-las aos vindouros. Como agora tenho mais tempo livre, gosto de participar sempre que posso, apesar de haver homens que não querem participar. Abençoados os homens de São Miguel que participam. Na minha Freguesia, eu pagava para que

os homens participassem, assim como aqui participam. Isto é um modo de falar... Na minha terra, os homens não vão à Missa, ficam cá fora no adro da Igreja com medo que as telhas lhe caíam em cima da cabeça... Eu possuo a Agenda anual das tradições quaresmais e pascais do Concelho da Idanha que ma levava, logo que era publicada, o meu vizinho, Miguel Aragão, jovem falecido há pouco e que era Técnico do Turismo da Câmara da Idanha. Como tenho tempo livre e gosto imenso das tradições, não só venho a S. Miguel, como gosto de ver outras em Monsanto, Idanha, etc. Costumo ir ao Fundão a assistir às cerimónias de Sexta-Feira Santa de que gosto muito. Mas também desejo ir a assistir à Idanha à procissão do enterro do Senhor. Para terminar, sabe que desde 1992, excepto quando estava fora do País em serviço, venho assistindo, com muita fé, à Missa do Domingo da romaria de Nossa Senhora do Almutão? Tenho uma simpatia enorme pelo Padre que tenho ouvido sempre em todas as Romarias, como disse, nas Missas do Domingo da Romaria. Não sei o nome do Padre, mas sei que é o Padre da Idanha. Aquela prática que ele aplica ali é qualquer coisa comovente e leva-nos para o transcendental. Tem uma maneira própria. Vai buscar elementos para que todo o Mundo perceba. Não é preciso tirar um curso superior para o ouvir. Ele toca no íntimo das pessoas. Vejo lágrimas a cair pela cara abaixo de pessoas junto de mim. E repito. Tenho uma simpatia muito grande por ele. Eu vou continuar a deslocar-me ao Concelho da Idanha, na altura quaresmal e pascal. Vamos passar a ver-nos mais vezes, se Deus quiser. E saúde também para si.

E eu respondi-lhe: - Bem-haja. E também para si.

Agenda dos mistérios da Páscoa em Idanha





Homenagem ao saudoso Victor Soares

*Do amor pela terra,
à paixão por Cristo*

Victor Manuel Esteves Soares, nasceu em Penha Garcia, no dia 24 de Setembro de 1954, viveu a sua vida aprisionado à sua condição de deficiência intelectual, muitas vezes vítima de preconceitos e discriminação, mas marcadamente a sua vivência, permitiu-lhe um relacionamento entre o real e o imaginário. Escravo do seu raciocínio, da sua expressão linguística e de diversas habilidades motoras. Socializou-se com as gentes da sua terra, muito através da espiritualidade e da importância do seu pensamento. Na escuridão da sua própria vida, promovia práticas de felicidade e alegria e era este veículo de comunicação, que muito dignamente valorizava o singular ser humano, Victor Taió.

O amor pela terra, permitia-lhe ir além das sinuosas barreiras intelectuais e caminhava diariamente pelas ruas da aldeia, como se a boa nova fosse a dar à comunidade. Temperou a sua forma de rezar e introduziu na sua mente por força dos seus problemas e dificuldades de que era o mestre que amava a Igreja e alimentava a esperança de que seria a pérola que iria brilhar nos braços de Cristo. Feliz ao seu jeito e com uma vida inteiramente dedicada à Paixão por Cristo, o Victor testemunhou a comunhão com Deus, encontrando a morte, aos sessenta e três anos de idade, a caminho da ermida da Senhora da Azenha.

Ao longo da vida, o Victor carregou a cruz, na qual garantidamente terá ficado de pé.

Alexandre Gaspar



Idanha-a-Nova.
Imposição das cinzas

Ladoeiro.
Procissão dos Homens

MARÇO

06.03	Quarta-feira de Cinzas	<i>Idanha-a-Nova</i>	18:00	Missa com Cerimónia da imposição das Cinzas
		<i>Monfortinho</i>	15:00	Missa com Cerimónia da imposição das Cinzas
		<i>Salvaterra do Extremo</i>	11: 00	Missa com Cerimónia da imposição das Cinzas
		<i>Penha Garcia</i>	17:30	Missa com Cerimónia da imposição das Cinzas
07.03		<i>S. Miguel de Acha</i>	20:30	Ladainhas
08.03		<i>Alcafozes</i>	21:00	Procissão “Corrida”
		<i>Idanha-a-Nova</i>	18:00 /20:00	Ir ver Nosso Senhor Igreja da Misericórdia
			23:00	Encomendação das Almas
		<i>Ladoeiro</i>	20:30	Procissão dos Homens
		<i>Monfortinho</i>	22:00	Martírios e Encomendação das Almas
		<i>Oledo</i>	20:30	Encomendação das Almas
		<i>Rosmaninhal</i>	21:30	Encomendação das Almas
		<i>Salvaterra do Extremo</i>	16:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
		<i>S. Miguel de Acha</i>	16:30	Via-Sacra na Igreja Matriz
			20:30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
			22:00	Encomendação das Almas
		<i>Toulões</i>	23:00	Encomendação das Almas
10.03		<i>Zebreira</i>	17:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
		<i>Penha Garcia</i>	15:00	Via-Sacra na Capela de S. Lourenço

12.03	Idanha-a-Nova	15:00	Via-Sacra na Igreja do Espírito Santo
14.03	S. Miguel de Acha	20:30	Ladainhas
15.03	Alcafozes	21:00	Os Passos Procissão “Corrida”
	Idanha-a-Nova	1800 / 20:00	Ir ver Nosso Senhor Igreja da Misericórdia
		23:00	Encomendação das Almas
	Ladoeiro	20:30	Procissão dos Homens
	Monfortinho	22:00	Martírios e Encomendação das Almas
	Oledo	20:30	Encomendação das Almas
	Rosmaninhal	21:30	Encomendação das Almas
	S. Miguel de Acha	16:30	Via-Sacra na Igreja Matriz
		20:30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		22:00	Encomendação das Almas
	Salvaterra do Extremo	16:00	Via -Sacra na Igreja Matriz
	Termas de Monfortinho	21:30	Martírios e Encomendação das Almas
	Toulões	23:00	Encomendação das Almas
	Zebreira	17:00	Via -Sacra na Igreja Matriz
17.03	Proença-a-Velha	20:00	Ladainhas Martírios do Senhor
	Penha Garcia	15:00	Via-Sacra na Capela de S. Lourenço
19.03	Aldeia Sta. Margarida	17:30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas
	Idanha-a-Nova	15:00	Via-Sacra na Igreja Espírito Santo

Oledo.
Encomendação das Almas

Toulões.
Encomendação das Almas





Termas de Monfortinho.
Encomendação das almas

Idanha-a-Nova.
Encomendação
das Almas

20.03	Proença-a-Velha	17:30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas
21.03	S. Miguel de Acha	20:30	Ladainhas
22.03	Alcafozes	2 00	Os Passos Procissão “Corrida”
	Idanha-a-Nova	18:00 /20:00	Ir ver Nosso Senhor Igreja da Misericórdia
		23H00	Encomendação das Almas
	Ladoeiro	20:30	Procissão dos Homens
	Monfortinho	22:00	Martírios e Encomendação das Almas
	Oledo	20:30	Encomendação das Almas
	Rosmaninhal	21:30	Encomendação das Almas
	S. Miguel de Acha	16:30	Via–Sacra na Igreja Matriz
		20:30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		22:00	Encomendação das Almas
	Salvaterra do Extremo	16:00	Via –Sacra na Igreja Matriz
	Termas de Monfortinho	21:30	Martírios e Encomendação das Almas
	Toulões	23:00	Encomendação das Almas
	Zebreira	17:00	Via – Sacra na Igreja Matriz
24.03	Penha Garcia	15:00	Via–Sacra na Capela de S. Lourenço
	Proença-a-Velha	20:00	Ladainhas Martírios do Senhor
26.03	Idanha-a-Nova	15:00	Via–Sacra na Igreja do Espírito Santo
	Medelim	17:30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas

27.03	<i>Idanha-a-Velha</i>	24:00	“Sarração” da Velha
	<i>S. Miguel de Acha</i>	17:30	Aniversário das Almas com canto de Vésperas
28.03	<i>S. Miguel de Acha</i>	20:30	Ladainhas
29.03	<i>Alcafozes</i>	21:00	Os Passos Procissão “Corrida”
	<i>Idanha-a-Nova</i>	18:00 /20:00	Ir ver Nosso Senhor Igreja da Misericórdia
		23:00	Encomendação das Almas
	<i>Ladoeiro</i>	20:30	Procissão dos Homens
	<i>Medelim</i>	23:30	Encomendação das Almas
	<i>Monfortinho</i>	22:00	Martírios e Encomendação das Almas
	<i>Oledo</i>	20:30	Encomendação das Almas
	<i>Penha Garcia</i>	23:00	Os Passos
		24:00	Encomendação das Almas
	<i>Proença-a-Velha</i>	24:00	Encomendação das Almas
	<i>Rosmaninhal</i>	21:30	Encomendação das Almas
	<i>S. Miguel de Acha</i>	16:30	Via–Sacra na Igreja Matriz
		20:30	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		22:00	Encomendação das Almas
	<i>Salvaterra do Extremo</i>	16:00	Via–Sacra na Igreja Matriz
	<i>Termas de Monfortinho</i>	21:30	Martírios e Encomendação das Almas
	<i>Toulões</i>	23:00	Encomendação das Almas
	<i>Zebreira</i>	17:00	Via –Sacra na Igreja Matriz

Idanha-a-Velha.
Sarração da Velha

Medelim.
Encomendação das Almas





Penha Garcia.
A caminho de encruzilhada
para canto da Encomendação
das Almas



Preença-a-Velha.
Encomendação das Almas

Monfortinho.
Encomendação
das Almas



Zebreira.
Encomendação das Almas





30.03	Segura	19:00	Procissão dos Passos
31.03	Penha Garcia	15:00	Via-Sacra na Capela de S. Lourenço
		16:00	Concerto de Quaresma pela Filarmónica Idanhense
	Proença-a-Velha	20:00	Ladainhas e Martírios do Senhor

Segura.
Passos

ABRIL

02.04	Idanha-a-Nova	15:00	Via-Sacra na Igreja Espírito Santo
04.04	S. Miguel de Acha	21:00	Ladainhas
05.04	Alcafozes	21:00	Procissão dos Passos
	Idanha-a-Nova	18:00 / 20:00	Ir ver Nosso Senhor Igreja da Misericórdia
		23:00	Encomendação das Almas
	Ladoeiro	20:30	Missa seguida da Procissão dos Homens
	Rosmaninhal	21:30	Encomendação das Almas
	Aldeia Sta. Margarida	21:30	Encomendação das Almas
	Ladoeiro	22:00	Encomendação das Almas
	Medelim	23:30	Encomendação das Almas
	Monfortinho	22:00	Martírios e Encomendação das Almas
	Oledo	20:30	Encomendação das Almas
	Penha Garcia	24:00	Encomendação das Almas
	Proença-a-Velha	24:00	Encomendação das Almas
	Salvaterra do Extremo	16:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
	S. Miguel de Acha	16:30	Via-Sacra na Igreja Matriz
		21:00	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
		22:00	Encomendação das Almas
	Segura	22:00	Encomendação das Almas
	Termas de Monfortinho	21:30	Martírios e Encomendação das Almas
	Toulões	23:00	Encomendação das Almas
	Zebreira	17:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
		23:00	Encomendação das Almas



Segura.
Encomendação das Almas



Alcafozes.
Procissão dos Passos

Ladoeiro.
Encomendação
das Almas



Termas de Monfortinho.
Canto dos Martírios



06.04	<i>Idanha-a-Nova</i>	20:00	Procissão das Completas
	<i>Segura</i>	20:00	Procissão dos Passos
	<i>S. Miguel de Acha</i>	21:30	2º Encontro de Cantares Quaresmais Grupos de Encomendação das Almas — de S. Miguel d’ Acha de Penamacor de Paranhos da Beira do Canto dos Martírios de São Vicente da Beira
07.04	Domingo de Passos		
	<i>Aldeia Sta. Margarida</i>	16:00	Missa e Via Sacra pelas ruas
	<i>Idanha-a-Nova</i>	19:00	Procissão dos Passos
	<i>Ladoeiro</i>	17:00	Procissão dos Passos
	<i>Proença-a-Velha</i>	20:00	Ladainhas e Martírios do Senhor
	<i>Salvaterra do Extremo</i>	20:00	Procissão dos Passos
09.04	<i>Idanha-a-Nova</i>	15:00	Via-Sacra na Igreja Espírito Santo
10.04	<i>Penha Garcia</i>	19:00	Aniversário das Almas
11.04	<i>S. Miguel de Acha</i>	21:00	Ladainhas
12.04	<i>Alcafozes</i>	21:00	Os Passos Procissão “corrida”
	<i>Aldeia Sta. Margarida</i>	21:30	Encomendação das Almas
	<i>Idanha-a-Nova</i>	18:00 /20:00	Ir ver Nosso Senhor
		17:00	Abertura do VI Curso Livre sobre Religiosidade Popular
		21:30	Ida ao Território dos Rituais
		23:00	Encomendação das Almas

Idanha-a-Nova.
Procissão dos Passos



Ladoeiro.
Via-Sacra

12.04		
Ladoeiro	22:00	Encomendação das Almas
Medelim	23:30	Encomendação das Almas
Monfortinho	22:00	Martírios e Encomendação das Almas
Monsanto	12:00	Festa da Sra. das Dores com Celebração Eucarística e Canto da Senhora das Dores
	23:30	Encomendação das Almas
Oledo	20:30	Encomendação das Almas
Penha Garcia	24:00	Martírios do Senhor e Encomendação das Almas
Proença-a-Velha	24:00	Encomendação das Almas
Rosmaninhal	21:30	Encomendação das Almas
S. Miguel de Acha	16:30	Via-Sacra na Igreja Matriz
	21:00	Terço Cantado nas ruas pelos Homens
	22:00	Encomendação das Almas
Salvaterra do Extremo	16:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
Segura	18:00	Procissão dos Passos
	22:00	Encomendação das Almas
Toulões	23:00	Encomendação das Almas
Zebreira	17:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
	21:00	Encomendação das Almas



Monsanto.
Benção dos Ramos



Monsanto.
Procissão dos Ramos

13.04	Monfortinho	20:00	Via-Sacra com representação cénica pelas ruas da aldeia
	Monsanto	12:00	Aniversário das Almas com Ofícios e o Canto das Laudes
	Segura	17:00	Procissão dos Ramos seguida de Celebração Eucarística
	Idanha-a-Nova	10:00 18:00	VI Curso Livre sobre Religiosidade Popular
		21:30	XII Encontro de Cantares Quaresmais e Pascais de Idanha-a-Nova Grupo de Encomendação das Almas de Conqueiros — Proença-a-Nova Grupo de Encomendação das Almas do Ladoeiro Grupo de Encomendação das Almas de Aldeia de João Pires Grupo de Cantares A Mensagem da Cidade da Guarda
14.04	Toulões	21:00	Concerto de Quaresma pela Filarmónica Idanhense
	Aldeia Sta. Margarida	10:45	Procissão de Ramos e Missa
	Idanha-a-Nova	11:00	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
	Ladoeiro	12:30	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
		16:00	Concerto de Quaresma pela Filarmónica Idanhense
	Medelim	09:15	Procissão de Ramos e Missa
	Monfortinho	14:30	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
Domingo de Ramos	Monsanto	17:00	Procissão dos Ramos da Igreja da Misericórdia para a Igreja Matriz Celebração Eucarística
		23:30	Encomendação das Almas



Medelim.
Sermão do Encontro



Monfortinho.
Benção dos Ramos



Proença-a-Velha.
Benção dos Ramos

<i>Penha Garcia</i>	12:00	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
	15:00	Via-Sacra e Cântico da Paixão pelas Ruas da Procissão
<i>Proença-a-Velha</i>	17:00	Procissão de Ramos e Missa
	20:00	Martírios do Senhor
<i>Rosmaninhal</i>	09:30	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
<i>S. Miguel de Acha</i>	12:30	Procissão de Ramos e Missa
<i>Segura</i>	16:00	Apresentação do documentário: <i>Cumprir a Tradição: Segura ou Talvez Não</i> , de Jorge Murteira e Cláudia Freire, na Associação Recreativa Segurense
<i>Salvaterra do Extremo</i>	09:00	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
<i>Termas de Monfortinho</i>	16:30	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
<i>Toulões</i>	10:30	Procissão de Ramos seguida de Celebração Eucarística
<i>Zebreira</i>	10:00	Procissão de Ramos seguida de Celebração da Palavra
	16:30	Procissão dos Passos





Páginas anteriores
Penha Garcia.
Via-Sacra com
cânticos pelas ruas

Alcafozes.
Saída da sacristia da Igreja
da Misericórdia para
o peditório da Ceia dos Doze

Alcafozes.
Lava-Pés



17.04	Quarta-feira Santa	Alcafozes	20:00	O Espalhar do Alecrim no chão do Altar-Mór da Igreja da Misericórdia, seguindo-se o comer da “Parva”
		Medelim	20:00	Eucaristia e Procissão do Encontro a partir da Igreja da Misericórdia
18.04	Quinta-feira Santa	Alcafozes	08:00	Peditório para a Ceia dos Doze da Irmandade da Misericórdia
			13:00	Ceia dos Doze
			21:00	Cântico dos Martírios, Senhora das Dores na Igreja da Misericórdia, seguindo-se o Lava-pés e Procissão do Encontro. Após a Procissão, finaliza-se com a leitura dos “Tormentos do Redentor”
			24:00	Canto dos Martírios e da Senhora das Dores pelas ruas
		Idanha-a-Nova	18:30	Celebração da Ceia do Senhor
		Ladoeiro	20:30	Celebração da Última Ceia, seguida de Procissão do Encontro
		Medelim	23:30	Encomendação das Almas
		Monfortinho	22:00	Canto da Senhora das Dores pelas ruas da aldeia
		Monsanto	20:30	Celebração Eucarística com Lava-Pés, Sermão do Encontro, seguindo-se a Procissão dos Passos. No final, Sermão da Misericórdia
			23:30	Encomendação das Almas e Martírios



Segura
Peditório para a Ceia
dos Doze

Salvaterra do Extremo.
Procissão do Encontro



<i>Oledo</i>	21:00	Concerto de Quaresma pela Filarmónica Idanhense
<i>Penha Garcia</i>	18:00	Celebração da Instituição da Eucaristia
	24:00	Louvado Nocíssimo
<i>Proença-a-Velha</i>	21H00	Eucarística com Lava-Pés na Igreja da Misericórdia seguida da Procissão do Encontro, Sermão com representação de Maria Madalena
	24:00	Ceia dos Doze seguida do Louvád' síssemo
<i>Rosmaninhal</i>	22:30	Celebração da Última Ceia, seguida de Procissão do Encontro
<i>S. Miguel de Acha</i>	18:30	Celebração Eucarística seguida de Procissão do Encontro
	21:00	Ladainhas
	22:00	Martírios do Senhor
<i>Salvaterra do Extremo</i>	20:30	Celebração Eucarística seguida de Procissão do Encontro
	22:30	Ceia dos Doze
	24:00	Encomendação das Almas
<i>Segura</i>	08:00	O espalhar do alecrim no chão da Igreja da Misericórdia pelos Irmãos
	09:00	Peditório para a Ceia dos Doze da Irmandade da Misericórdia
	19:00	Celebração da Última Ceia com Lava-Pés, seguindo-se a Procissão do Encontro
	24:00	Ceia dos Doze Encomendação das Almas



Proença-a-Velha.
Louvád'síssemo

Salvaterra do Extremo
Ceia dos Doze



Zebreira.
Procissão do Encontro

19.04	Sexta-feira da Paixão			
		Termas de Monfortinho	21:30	Canto da Senhora das Dores
		Zebreira	21:00	Celebração da Última Ceia, seguida de Procissão do Encontro.
			22:30	Encomendação das Almas
		Alcafozes	22:00	Procissão do Enterro do Senhor com Verónica e Sermão da Soledade
			24:00	Encomendação das Almas
		Aldeia Sta.Margarida	18:15	Leitura da Paixão, Adoração da Cruz e Procissão do Enterro do Senhor
			21:30	Encomendação das Almas
		Idanha-a-Nova	08:00	Preparação do Santo Sepulcro na capela de S. Jacinto da Igreja Matriz pelos Irmãos do Santíssimo
			15:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
			18:30	Adoração da Santa Cruz e Celebração da Paixão
			20:00	Procissão do Enterro do Senhor e Sermão
			23:00	Encomendação das Almas
		Ladoeiro	15:00	Via-Sacra pelas ruas
			20:30	Adoração da Cruz e Procissão do Enterro do Senhor
			23:00	Encomendação das Almas
		Medelim	09:00 /15:00	Adoração do Senhor Morto na Igreja da Misericórdia
			15:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
		Monfortinho	16:00	Celebração da Paixão do Senhor
			23:00	Santos Passos e Louvado Dulcíssimo

Monsanto	15:00	Via-Sacra pelas ruas
	20:30	Leitura da Paixão, Adoração da Cruz, Sermão com representação cénica de Maria Madalena. Descimento da Cruz. Segue-se Procissão do Enterro do Senhor com cântico da Verónica e as Três Marias entoam os Héus. No final, Sermão do Senhor Morto
Oledo	21:00	Via Sacra pelas ruas
Penha Garcia	14:30	Celebração da Paixão do Senhor
	24:00	Santos Passos
Proença-a-Velha	15:00	Adoração da Santa Face na Igreja da Misericórdia
	21:00	Celebração da Paixão, seguida da Procissão do Enterro do Senhor com Verónica
Rosmaninhal	21:00	Adoração da Cruz e Procissão do Enterro do Senhor
S. Miguel de Acha	16:30	Leitura da Paixão e Adoração da Cruz
	20:00	Procissão do Enterro do Senhor com Cântico dos Héus
Salvaterra do Extremo	15:00	Via-Sacra na Igreja da Misericórdia
	20:00	Celebração da Paixão do Senhor seguida de Procissão do Enterro do Senhor
Segura	08:00	Após a queima do Alecrim pelos Irmãos da Misericórdia, segue-se a Adoração da Cruz e a Via-Sacra
	19:00	Procissão do Enterro do Senhor



	<i>Toulões</i>	21:30	Procissão dos Passos
		23:00	Encomendação das Almas
	<i>Zebreira</i>	15:00	Via-Sacra na Igreja Matriz
		21:00	Encomendação das Almas
		22:30	Adoração da Cruz seguida de Procissão do Enterro do Senhor
20.04	<i>Aldeia Sta. Margarida</i>	21:00	Toque do sino, seguindo-se o canto das Alvíssaras ao som dos adufes com cortejo pelas ruas
	<i>Idanha-a-Nova</i>	21:00	Celebração Eucarística com aparecimento da Aleluia e Arruada pelas ruas da Vila. Alvíssaras ao som dos Adufes. O apanhar das amêndoas à porta do Pároco
		24:00	Senhor do esquife da Igreja Matriz para a Igreja da Misericórdia

Proença-a-Velha.
Adoração da Santa Face

Proença-a-Velha.
Procissão do Enterro
do Senhor com Verónica

Zebreira.
Procissão do Enterro do Senhor



Penha Garcia.
Santos Passos



Monfortinho	14:30	Procissão da Ressurreição seguida da Celebração Eucarística e Visita Pascal na Igreja Matriz
	16:00	Canto das Alvíssaras, ao som dos adufes, junto da Capela de Nossa Senhora da Consolação
Monsanto	17:00	Procissão da Ressurreição saindo da Igreja Matriz, passando pela Igreja da Misericórdia, seguida de Celebração Eucarística na Igreja Matriz. No final, beijar da Cruz
Oledo	09:30	Procissão da Ressurreição seguida da Eucaristia com beijar da Cruz e Alvíssaras ao som do adufe
Penha Garcia	12:00	Procissão da Ressurreição seguida da Celebração Eucarística e Visita Pascal na Igreja Matriz
Proença-a-Velha	10:45	Procissão da Ressurreição a partir da Igreja Matriz e Eucaristia
Rosmaninhal	15:00	Procissão da Ressurreição, seguida de Missa
S. Miguel de Acha	12:30	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração Eucarística
Segura	12:00	Procissão da Ressurreição, seguida de Missa
Termas de Monfortinho	16:00	Celebração Eucarística da Ressurreição
Toulões	10:30	Celebração Eucarística, seguida do Canto das Alvíssaras à porta da Igreja Matriz
Zebreira	10:00	Procissão da Ressurreição seguida de Celebração

Proença-a-Velha.
Procissão da Ressurreição do Senhor

Oledo.
O Beijar de Cristo Arvorado no Domingo da Ressurreição





Rosmaninhal.
Procissão da Ressurreição

da Ressurreição

Presença de grupos
de encomendação das almas
do concelho de Idanha-a-Nova

05.04	<i>Proença-a-Nova</i>	Grupo de Encomendação das Almas de São Miguel de Acha
06.04	<i>Mangualde</i>	Grupo de Encomendação das Almas de Zebreira
18.04	<i>Viseu</i>	Grupo de Encomendação das Almas de Toulões

Prolongamento da Alegria Pascal
em Celebrações à Mãe de Deus

22.04	Romaria de Santa Maria Madalena Romaria da Senhora da Granja Romaria de Santa Catarina de Sena Bodo de Nossa Senhora da Consolação	<i>Rosmaninhal</i> <i>Proença-a-Velha</i> <i>Ladoeiro</i> <i>Salvaterra do Extremo</i>
23.04	Cruzes de Monsanto à Senhora da Azenha Romaria da Santa Marinha Festa de São Roque	<i>Monsanto</i> <i>Segura</i> <i>Rosmaninhal</i>
28.04	Romaria de S. Domingos	<i>Zebreira</i>
29.04	Romaria de Santa Catarina de Alexandria	<i>S. Miguel de Acha</i>
02.05	Bodo de Nossa Senhora da Consolação	<i>Monfortinho</i>
03.05	Subida ao Castelo e lançamento do pote	<i>Castelo de Monsanto</i>
05/06.05	Festa de Nossa Senhora do Castelo ou de Santa Cruz Romaria da Senhora do Almurtão	<i>Castelo de Monsanto</i> <i>Idanha-a-Nova</i>
12.05	Romaria da Senhora da Graça	<i>Idanha-a-Nova</i>
30.05	Cruzes de Penha Garcia à Senhora da Azenha	<i>Penha Garcia</i>



Rosmaninhal.
Romaria de Santa
Maria Madalena



Rosmaninhal.
Romaria de Santa Maria
Madalena.
Carroça com crianças

Idanha-a-Nova.
Ofertório na romaria
da Senhora do Almortão

Página Seguinte.
Romaria da Senhora
do Almortão. Procissão,
após a missa campal





Ciclo 2019

Concertos da Quaresma

Filarmónica Idanhense

31 Março a 18 Abril

Penha Garcia

Igreja Matriz

31 Março / 16:00

Toulões

Igreja Matriz

13 de Abril / 21:00

Ladoeiro

Igreja Matriz

14 de Abril / 16:00

Oledo

Igreja Matriz

18 de Abril / 21:00

Exposições

Março – Abril 2019

A Páscoa que une

Fotografia de
Marcin Gorski,
Nelson d'Aires,
Valter Vinagre
Centro Cultural Raiano,
Idanha-a-Nova
Fórum Cultural,
Idanha-a-Nova
+ Aldeia de Proença-a-Velha

Cristos

Casa Museu José Régio,
Portalegre
Fórum Cultural,
Idanha-a-Nova



Município de Idanha-a-Nova
Serviço de Turismo
e Cultura



Município de Idanha-a-Nova
Serviço de Turismo
e Cultura



Município de Idanha-a-Nova
Serviço de Turismo
e Cultura



Município de Idanha-a-Nova
Serviço de Turismo
e Cultura



Município de Idanha-a-Nova
Serviço de Turismo
e Cultura

idanha.pt